



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Ciências Sociais e Humanas

**A Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial e
a Agressão:
Contributo para o estudo de uma relação, considerando
as variáveis sociodemográficas género e idade**

Ana Sofia Monteiro Pires

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Psicologia Clínica e da Saúde
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Manuel Joaquim da Silva Loureiro

Covilhã, outubro de 2018

Agradecimentos

Uma dissertação, ainda que seja o resultado de horas de trabalho individual, permite-nos compreender que todos os momentos, sejam eles bons ou menos bons, contribuem inequivocamente para quem somos e onde estamos. Como tal, há agradecimentos que merecem ser registados, seja pelos ensinamentos, pela estima, pelo apoio, pelo suporte, ou pelos sorrisos e gargalhadas partilhadas.

Primeiramente quero agradecer aos docentes do Departamento de Psicologia e Ciências da Educação, da Universidade da Beira Interior, por me inculpirem conhecimentos que levo para a vida. Agradeço, particularmente, ao meu Orientador de Dissertação, o Professor Doutor Manuel Loureiro, por toda a paciência, apoio e conhecimentos que me transmitiu.

Ao meu irmão, aos meus pais, à minha avó, à minha bisavó e à Manuela, por me tornaram na pessoa que sou, por perpetuamente fazem parte de mim, OBRIGADA!

À Carina, a melhor irmã de coração que poderia ter e que continuamente me incentiva a continuar a acreditar no melhor das pessoas. À Maura, a melhor pessoa que tive oportunidade de conhecer, que se tornou tão fundamental na minha vida e sem a qual o Mundo seria extremamente aborrecido e sem pandacórnios. À Dalila, a primeira pessoa que conheci no início desta alucinante jornada e que sei que vai ficar até as rugas ocuparem os nossos rostos. À Joana e ao João, por me provarem que há amizades que superam os anos e a distância.

A todos os meus restantes grandes amigos e familiares mais chegados, um obrigada muito especial pelo apoio incondicional e pela estima.

À UBI e à Covilhã, por serem a minha segunda casa, por tornarem estes anos memoráveis, por tornarem tão difícil chegar ao fim desta etapa sem sentir saudade e querer recomeçar tudo de novo. OBRIGADA!

“Surpreende-me aquilo de que os humanos são capazes, mesmo quando lhes correm rios pelas faces e eles avançam cambaleantes, a tossir, a procurar, e a encontrar.”

Markus Zusak

Resumo

Recentemente tem-se assistido ao desenvolvimento de inúmeros estudos que visam aprofundar os conhecimentos relativos ao traço Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial (ASPS). A presente investigação é transversal, e com uma abordagem quantitativa, descritiva e correlacional, propõe-se a averiguar quais as formas de agressão presentes em indivíduos com ASPS, e se o género e a idade influenciam a passagem ao ato. Os dados foram recolhidos através de um protocolo disponibilizado *on-line* que incluía a Escala de Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial (EASPS), versão em processo de validação à população portuguesa, e o Questionário de Agressividade (QA). A amostra global foi de 1061 sujeitos, tendo sido aplicados critérios de exclusão que a reduziram para 947 indivíduos, dos quais 65.8% do género feminino, com idades entre os 18 e os 80 anos ($M = 29.08$, $DP = 12.034$). Os resultados obtidos indicam que 67.9% dos participantes pontuaram acima da mediana teórica na EASPS, e 8.3% revelaram pontuações acima da mediana teórica no QA. O género feminino apresenta resultados mais elevados na EASPS e no fator *raiva* (QA). O género masculino apresenta resultados mais elevados no fator *agressão física* (QA). Os participantes com 23 ou menos anos de idade apresenta resultados proeminentes no QA (*score total*), *agressão física* (QA) e *hostilidade* (QA). Os resultados revelam que maiores níveis de ASPS estão associados a maiores níveis de *agressão*, concretamente no género feminino e nos participantes com idades compreendidas entre os 24 e os 59 anos de idade, que maiores níveis de ASPS estão associados a maiores níveis de *hostilidade* (QA), e que maiores níveis de *facilidade de excitação* (EASPS) estão associados a maiores níveis de *agressão* (*score total do QA*) e *hostilidade* (QA). As considerações finais demonstraram as principais contribuições da presente investigação, bem como algumas das suas limitações, indicando-se sugestões para estudos futuros.

Palavras-chave

Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial, Agressão, Escala de Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial, Questionário de Agressividade.

Abstract

Recently there has been development a numerous studies that aim to deepen the knowledge about High Sensory-Processing Sensitivity (HSPS) trait. The present investigation is transversal, and has a quantitative, descriptive and correlational approach, it is proposed to investigate the forms of aggression present in individuals with HSPS, and whether gender and age influence the passage to the act. The data was collected through an online protocol that included the High Sensitive Person Scale (HSPS), version in process of validation for the Portuguese population, and the Buss-Perry Aggression Questionnaire (QA). The sample was constituted by 1061 subjects, which reduced to 947 individuals after exclusion criteria were applied, of which 65.8% were females, aged 18 to 80 years ($M = 29.08$, $SD = 12.034$). The results indicate that 67.9% of the participants scored above the theoretical median in the HSPS, and 8.3% showed scores above the theoretical median in the QA. The female gender has higher results in HSPS and in anger (QA). The male gender presents higher results in the physical aggression (QA). Participants aged 23 or under present prominent results in QA (total score), physical aggression (QA) and hostility (QA). The results show that higher levels of SPS are associated with higher levels of aggression, specifically in females and in participants aged 24-59 years, with higher levels of SPS being associated with higher levels of hostility (QA), and that higher levels of HSPS are associated with higher levels of aggression (total QA score) and hostility (QA). The final considerations demonstrated the main contributions of the present investigation, as well as some of its limitations, indicating suggestions for future studies.

Keywords

High Sensory-Processing Sensitivity, Aggression, High Sensitive Person Scale, Aggression Questionnaire.

Índice

Introdução	1
Capítulo 1 - Enquadramento teórico	3
1.1. Alta sensibilidade de processamento sensorial (ASPS)	3
1.1.1. Definição de ASPS	4
1.1.2. Conclusões de alguns estudos sobre a ASPS	6
1.2. Agressão	8
1.2.1. Teorias etiológicas da agressão	11
1.2.2. Conclusões de alguns estudos sobre a agressão	14
1.3. Agressão em indivíduos com ASPS	15
1.4. Objetivos e hipóteses de investigação	16
Capítulo 2 - Método	18
2.1. Participantes	18
2.2. Instrumentos	20
2.2.1. Questionário sociodemográfico	20
2.2.2. Escala de Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial (EASPS)	20
2.2.3. Questionário de Agressividade (QA)	21
2.3. Procedimento	23
2.3.1. Procedimentos estatísticos	23
Capítulo 3 - Resultados	25
3.1. Estatísticas descritivas	25
3.1.1. Análise descritiva dos resultados da EASPS	25
3.1.2. Análise descritiva dos resultados do QA	26
3.2. Estatísticas inferenciais	27
3.2.1. Diferenças existentes entre os géneros	28
3.2.2. Diferenças existentes entre as idades	30
3.2.3. Diferenças existentes na Agressão na presença de ASPS elevada	31
3.3. Relação entre a ASPS e a Agressão	34
Capítulo 4 - Discussão dos resultados	42
Conclusão	46
Limitações e sugestões para investigações futuras	47
Referências bibliográficas	48
Anexos	53
Anexo 1 - Parecer da Comissão de Ética da Universidade da Beira Interior	55
Anexo 2 - Consentimento informado	57
Anexo 3 - Questionário Sociodemográfico	59

Lista de Tabelas

- Tabela 1 - Caracterização dos Dados Sociodemográficos dos Participantes (N=947)
- Tabela 2 - Confiabilidade da EASPS e Respetivas Dimensões
- Tabela 3 - Confiabilidade do QA e Respetivas Dimensões
- Tabela 4 - Médias e Desvios-padrão de Referência para o QA (Cunha & Gonçalves, 2012)
- Tabela 5 - Estatísticas Descritivas da EASPS
- Tabela 6 - Médias de Resposta aos Itens dos Fatores da EASPS
- Tabela 7 - Frequências da EASPS
- Tabela 8 - Estatísticas Descritivas do QA
- Tabela 9 - Médias de Resposta aos Itens dos Fatores do QA
- Tabela 10 - Frequências do QA
- Tabela 11 - Análise de Variância (ANOVA) Unifatorial entre o Estado Marital e o QA
- Tabela 12 - Diferenças de Género no Score Total da EASPS
- Tabela 13 - Diferenças de Género nos Fatores da EASPS
- Tabela 14 - Diferenças de Género no Score Total do QA
- Tabela 15 - Diferenças de Género nos Fatores do QA
- Tabela 16 - Diferenças de Idade no Score Total da EASPS
- Tabela 17 - Diferenças de Idade nos Fatores da EASPS
- Tabela 18 - Diferenças de Idade no Score Total do QA
- Tabela 19 - Diferenças de Idade nos Fatores do QA
- Tabela 20 - Diferenças de Idade no Género Masculino no Score Total do QA (N=297)
- Tabela 21 - Diferenças no Score Total do QA em Homens e Mulheres com ASPS Elevada
- Tabela 22 - Diferenças nas Formas de Agressão em Homens e Mulheres com ASPS Elevada
- Tabela 23 - Diferenças no Score Total do QA de Acordo com a Idade em Participantes com ASPS Elevada
- Tabela 24 - Diferenças nas Formas de Agressão de Acordo com a Idade em Participantes com ASPS Elevada
- Tabela 25 - Diferenças no Score Total do QA entre Homens e Mulheres de Acordo com Resultados Elevados nas Dimensões da EASPS
- Tabela 26 - Diferenças nas Formas de Agressão entre Homens e Mulheres de Acordo com Resultados Elevados nas Dimensões da EASPS
- Tabela 27 - Correlação entre a ASPS (Score Total da EASPS) e a Agressão (Score Total do QA) (N=828)
- Tabela 28 - Correlação entre a ASPS (Score Total da EASPS) e os Fatores do QA (N=830)
- Tabela 29 - Correlação entre os Fatores da EASPS e o Score Total do QA (N=835)
- Tabela 30 - Correlação entre a ASPS (Score Total da EASPS) e a Agressão (Score Total do QA) em Função do Género

Tabela 31 - Correlação entre a ASPS (Score Total da EASPS) e a Agressão (Score Total do QA) em Função da Idade

Tabela 32 - Correlação entre os Fatores da EASPS e os Fatores do QA (N=837)

Tabela 33 - Modelo de Regressão Linear Simples sobre a ASPS (Score Total) e a Agressão (Score Total) (N=828, $r = .257$, $p = .000$)

Tabela 34 - Regressão Linear Simples Relativa à Associação entre a ASPS (Score Total) e a Agressão (Score Total) (N=828)

Tabela 35 - Modelo de Regressão Linear Simples sobre a Facilidade de Excitação (EASPS) e a Hostilidade (QA) (N=898, $r = .465$, $p = .000$)

Tabela 36 - Regressão Linear Simples Relativa à Associação entre a Facilidade de Excitação (EASPS) e a Hostilidade (QA) (N=898)

Tabela 37 - Modelo de Regressão Linear Simples sobre o Score Total da EASPS e a Hostilidade (QA) (N=855, $r = .357$, $p = .000$)

Tabela 38 - Regressão Linear Simples Relativa à Associação entre o Score Total da EASPS e a Hostilidade (QA) (N=855)

Tabela 39 - Modelo de Regressão Linear Simples sobre a Facilidade de Excitação (EASPS) e o Score Total do QA (N=870, $r = .309$, $p = .000$)

Tabela 40 - Regressão Linear Simples Relativa à Associação entre a Facilidade de Excitação (EASPS) e o Score Total do QA (N=870)

Tabela 41 - Modelo de Regressão Linear Simples sobre os Scores Totais da EASPS e do QA no Género Feminino (N=544, $r = .301$, $p = .000$)

Tabela 42 - Regressão Linear Simples Relativa à Associação entre os Scores Totais da EASPS e do QA no Género Feminino (N=544)

Tabela 43 - Modelo de Regressão Linear Simples sobre os Scores Totais da EASPS e do QA no Género Masculino (N=282, $r = .217$, $p = .000$)

Tabela 44 - Regressão Linear Simples Relativa à Associação entre os Scores Totais da EASPS e do QA no Género Masculino (N=282)

Tabela 45 - Modelo de Regressão Linear Simples sobre os Scores Totais da EASPS e do QA nos Participantes com 23 ou menos anos de Idade (N=438, $r = .237$, $p = .000$)

Tabela 46 - Regressão Linear Simples Relativa à Associação entre os Scores Totais da EASPS e do QA nos Participantes com 23 ou menos anos de Idade (N=438)

Tabela 47 - Modelo de Regressão Linear Simples sobre os Scores Totais da EASPS e do QA nos Participantes com Idades Compreendidas entre os 24 e 59 anos de Idade (N=374, $r = .286$, $p = .000$)

Tabela 48 - Regressão Linear Simples Relativa à Associação entre os Scores Totais da EASPS e do QA nos Participantes com Idades Compreendidas entre os 24 e 59 anos de Idade (N=374)

Lista de Acrónimos

ASPS	Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial
EASPS	Escala de Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial
HSPS	Highly Sensitive Person Scale
MGA	Modelo Geral da Agressão
OMS	Organização Mundial de Saúde
PEA	Perturbações do Espectro do Autismo
PHDA	Perturbação de Hiperatividade e Défice de Atenção
QA	Questionário de Agressividade
SPS	Sensibilidade de Processamento Sensorial

Introdução

A presente investigação propõe-se a avaliar a presença de Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial (ASPS) numa amostra normativa portuguesa e, simultaneamente, analisar e descrever os atos agressivos em indivíduos com ASPS. Adicionalmente, ao considerar as variáveis sociodemográficas género e idade, espera compreender se estas se traduzem em diferenças significativas nos resultados obtidos, isto é, determinar se possui ASPS e ser de um determinado género ou idade facilita a passagem ao ato de agressão.

Com este estudo empírico, espera-se possibilitar uma melhor compreensão das circunstâncias que facilitam a passagem ao ato agressivo nos indivíduos com este traço, bem como tentar colmatar a carência verificada no que concerne a investigações que abordem a ASPS no contexto português.

A ASPS é um construto relativamente recente, proposto por Aron e Aron (1997), sendo um traço que se caracteriza por uma maior responsividade à estimulação sensorial. É avaliado com base na *Highly Sensitive Person Scale* (HSPS) (Aron & Aron, 1997), uma escala que possui propriedades psicométricas significativas e que está em processo de adaptação à população portuguesa por Pereira et al. (sd).

Para medir a variável psicossocial agressão, foi utilizado o Questionário da Agressividade (QA), inicialmente desenvolvido por Buss & Perry (1992) já adaptado para a população portuguesa (Cunha & Gonçalves, 2012; Simões, 1993).

De forma a assegurar a persecução dos objetivos da presente investigação, a apresentação do estudo está dividida em quatro capítulos distintos: 1) *Enquadramento teórico*, onde se apresenta uma revisão da literatura relativa às duas variáveis em estudo - ASPS e agressão -, e se referem alguns estudos tidos por relevantes, culminando com o estabelecimento dos objetivos do presente estudo e as hipóteses estabelecidas; 2) *Método*, no qual se apresenta o desenho de investigação e se caracteriza descritivamente os participantes e os instrumentos utilizados, bem como o procedimento adotado; 3) *Resultados*, onde se apresentam os resultados decorrentes da análise estatística dos dados obtidos no estudo empírico; e 4) *Discussão dos resultados*, em que se discutem os resultados obtidos e a sua relevância, analisando-os de acordo com a literatura científica, e apresentando-se ainda as limitações, sugestões para estudos futuros, as implicações práticas e a conclusão do presente estudo empírico.

Capítulo 1 - Enquadramento teórico

Primeiramente, tem lugar um enquadramento do tema da presente investigação. Nesse sentido, procedeu-se a uma revisão da literatura que permitisse descrever as variáveis em estudo, bem como discutir a pertinência desta investigação na população portuguesa. Para tal recorreu-se principalmente a artigos disponibilizados em bases de dados como: *b-on*, *ScienceDirect*, *EBSCOhost* e *Web of Science*.

1.1. Alta sensibilidade de processamento sensorial (ASPS)

É transversal a todas as espécies a existência de diferenças na reatividade aos estímulos sensoriais, sendo que os Humanos não estão excluídos desta observação (Aron & Aron, 1997). O processamento sensorial, fator determinante na conduta comportamental adotada pelo indivíduo, corresponde à capacidade do sistema nervoso em processar os estímulos a que está exposto e de responder. Ou seja, de receber, integrar e organizar o estímulo, adotando uma determinada resposta face ao mesmo (Miller, Anzalone, Lane, Cermak, & Osten, 2007).

Primeiramente, importa clarificar determinadas confusões criadas em torno da ASPS. Falar de sensibilidade de processamento sensorial (SPS) ou ASPS é o mesmo, visto que ambos os termos caracterizam “indivíduos com um baixo limiar neurológico e uma estratégia passiva de autorregulação, e que frequentemente experienciam distratibilidade e desconforto com sensações” (Engel-Yeger & Dunn, 2011, p. 457). Todavia, a ASPS tem sido frequentemente confundida com a Perturbação de Processamento Sensorial, mas também com Perturbações do espectro do autismo (PEA), com Perturbação de Hiperatividade e Défice de Atenção (PHDA), entre outras. Portanto é necessário clarificar desde já o que é o traço ASPS, e porque não deve ser confundido com uma perturbação.

Quanto à PEA, a associação feita com a ASPS decorre da “inclusão das anomalias sensoriais, a hipo ou hiper-reatividade a estímulos sensoriais, que vão juntar-se ao domínio das atividades, dos comportamentos e dos interesses repetitivos e restritos” (Santos & Freitas, 2014, p. 141). Todavia, na ASPS tende a não se verificar um impacto clinicamente significativo no funcionamento social, profissional ou escolar do indivíduo, sendo que este traço chega mesmo a ser considerado como uma vantagem, uma evolução positiva do ponto de vista biológico visto estar associada a um sistema nervoso central mais sensível à estimulação (Pluess, 2015; Aron & Aron, 1997).

Os indivíduos com ASPS geralmente anseiam por comunicar com os outros, têm um maior fluxo sanguíneo no hemisfério cerebral direito e conseguem ignorar fontes sensoriais distratoras. Já os indivíduos com PHDA, para além das outras características inerentes ao

diagnóstico, apresentam um maior fluxo sanguíneo no hemisfério cerebral esquerdo, apresentam uma maior ativação do sistema *go-for-it* e demonstram dificuldades nas funções executivas (e.g. tomada de decisões). Como tal, nem a PEA nem a PHDA devem ser confundidas com a ASPS.

1.1.1. Definição de ASPS

Tal como mencionado anteriormente, a ASPS não pode ser classificada como uma perturbação, mas sim como um traço da personalidade, presente em várias espécies e que corresponde a uma estratégia de sobrevivência, sendo que os indivíduos com ASPS quando expostos a estímulos prepotentes, podem oscilar entre a adoção de respostas agressivas e negativas ou entre a retirada passiva da situação (Acevedo, Aron, Pospos, & Jessen, 2018; Aron & Aron, 1997).

No geral, caracterizam-se por: serem indivíduos ansiosos e incapazes de relaxar; responderem mesmo a estímulos sensoriais moderados, adotando respostas emocionais mais fortes face às situações, sobretudo se expostos a experiências positivas e, em consequência deste processamento emocional profundo, demonstrando ser indivíduos bastante empáticos; e apresentam uma maior tendência para a introversão e neuroticismo (Aron, 2002; Engel-Yeger & Dunn, 2011; Lionetti et al., 2018).

A ASPS consiste então num novo construto da personalidade proposto por Aron e Aron (1997), e que visa definir o traço que caracteriza sujeitos com uma maior sensibilidade e responsividade aos estímulos sensoriais, tanto internos como externos, sendo que esta reatividade ocorre tanto perante estímulos positivos como negativos e atenta a pistas sociais e emocionais (Acevedo et al., 2014; Aron et al., 2010; Aron & Aron, 1997; Aron, Aron, & Jagiellowicz, 2012; Brindle, Moulding, Bakker, & Nedeljkovic, 2015; Cater, 2016; Jagiellowicz, Aron, & Aron, 2016).

Este traço, que naturalmente se traduz em performances distintas, parece contribuir para a sobrevivência das espécies, tal como já foi anteriormente referido, mas é influenciado por todo um conjunto de fatores, como a título de exemplo a existência de perturbações psicopatológicas (Acevedo et al., 2018). Mas de todos os fatores existentes, o ambiente a que o indivíduo esteve exposto durante o seu desenvolvimento, assume-se como extremamente relevante uma vez que, e acordo com a metáfora *orquídeas-dente de leão* (Ellis & Boyce, 2008), os indivíduos com ASPS necessitam de ter reunidas as condições ideais para o seu desenvolvimento positivo ou, caso contrário, serão negativamente afetados. Recentemente, aprofundou-se esta metáfora, mantendo-se a ideia de que as orquídeas correspondem aos indivíduos com ASPS e os dentes de leão às pessoas com uma reduzida sensibilidade, mas introduzindo-se as tulipas, que correspondem aos indivíduos com uma sensibilidade média (Lionetti et al., 2018).

Indivíduos com ASPS tendem a “parar antes de agir” perante novas situações, demonstrando uma forte tendência para recorrer a experiências prévias por forma a adaptarem a sua conduta comportamental, o que faz com que, à partida, não seja expectável a existência de condutas comportamentais impulsivas (Acevedo et al., 2014; Aron, 2002; Aron & Aron, 1997; Booth, Standage, & Fox, 2015). Ou seja, apesar de estarem constantemente expostos a estimulação, revelam uma tendência para refletir antes de agir sendo, desta forma, indivíduos menos impulsivos, que pensam mais nas consequências das suas ações e que com a pausa procuram delinear a melhor estratégia de atuação (Aron, 2002).

De uma forma geral, estes indivíduos caracterizam-se por serem bastante empáticos, por terem uma reatividade emocional exacerbada, podendo esta ser tanto positiva como negativa, e tende a interessar-se pela justiça social o que aponta para uma menor probabilidade de conduta comportamental agressiva porque “sofrem mais quando os outros sofrem” (Aron, 2002, p. 20). Frequentemente, demonstram ser conscienciosos e cuidadosos, encontrando-se preparados para detetar e compreender a estimulação a que estão sujeitos dado que, por exemplo, estes indivíduos possuem um baixo limiar face à sensação de dor, e reflexos mais desenvolvidos/rápidos (Aron, 2002).

No que concerne especificamente à variável sociodemográfica estado marital, Aron (2002) refere ser frequente nos indivíduos com ASPS não se verificarem relacionamentos pontuais. Ou seja, para estes indivíduos, particularmente na adolescência e início da idade adulta, um encontro casual que envolva comportamentos íntimos, como por exemplo a troca de toques, é demasiado ameaçador e estimulador, sendo por esse mesmo motivo que preferem fazê-lo com alguém que conheçam e lhes seja significativo. Desta forma, o laço emocional estabelecido não é expectável que seja leviano e, por isso, é esperado que o indivíduo com ASPS tenda a possuir uma rede de suporte estável e que lhe é significativa.

Debruçando agora a nossa atenção nas características de crianças com ASPS, de acordo com Aron (2002) estas diferenciam-se das restantes em diversos aspetos. Todas as crianças têm de ser disciplinadas, todavia crianças com ASPS “frequentemente querem seguir as regras, e quando lhes é dito que cometeram um erro, elas processam profundamente este *feedback* no sentido de evitar cometer o mesmo erro no futuro” (Aron, 2002, p. 99). Por outro lado, e ainda de acordo com a mesma autora, também se verifica uma diferença nas respostas emocionais adotadas, tendendo a ser exacerbadas e bastante pautadas pela empatia nas crianças com ASPS.

A adolescência não constitui um período fácil, sendo que os adolescentes com ASPS, de acordo com Aron (2002), vivenciam dificuldades diferentes das normativas para esta fase do desenvolvimento. Ou seja, os adolescentes com ASPS que têm um bom sistema de suporte tendem a estar à altura das expectativas, sendo caracterizados por uma rápida maturação que lhes permite evitar determinados comportamentos desviantes e de risco comuns neste

período desenvolvimental, como por exemplo a prática de atividade sexual desprotegida. Mas o contrário também pode ocorrer, ou seja, é possível que o adolescente com ASPS não se sinta capaz de fazer face à constante estimulação sensorial e, por exemplo, desistir de estudar, principalmente se esta dificuldade se encontrar associada a um fraco sistema de suporte.

O início da idade adulta é igualmente um período crítico e no qual, de acordo com Aron (2002), o indivíduo pode oscilar entre uma rápida e adequada maturação ou uma tentativa de *drop-out* que pode, inclusivamente, culminar em tentativas de suicídio.

Em suma, as diferenças entre um indivíduo com ASPS e um indivíduo não sensível reside no facto de o primeiro ter uma diferente sensibilidade, reatividade, flexibilidade e capacidade de resposta face à estimulação a que está exposto, caracterizando-se por ser responsivo e ter uma tendência para “parar antes de agir” antes de responder ao estímulo (Aron, 2002; Aron & Aron, 1997; Booth et al., 2015; Homberg, Schubert, Asan, & Aron, 2016; Lionetti et al., 2018). Todavia, e como qualquer outro traço de personalidade, os *life events*, a história do desenvolvimento e o suporte parental, assumem um papel preponderante no bem-estar do sujeito com ASPS enquanto adulto, havendo inclusive estudos que apontam para a associação existente entre a perturbação depressiva e um reduzido suporte parental (Aron, Aron, & Davies, 2005; Bakker & Moulding, 2012; Liss, Timmel, Baxley, & Killingsworth, 2005). Adicionalmente, e de acordo com Aron (2002), também na adolescência e início da idade adulta a estabilidade e suporte são determinantes, quer para a maturação do indivíduo, quer para assegurar o seu bem-estar.

1.1.2. Conclusões de alguns estudos sobre a ASPS

Há uma certa tendência para associar a ASPS à introversão, todavia, e de acordo com Aron (2002), 30% dos indivíduos com ASPS são extrovertidos e os 70% que recorrem à introversão, fazem-no como uma forma de reduzir a estimulação a que são expostos. Da mesma forma, a autora aponta que “pessoas sensíveis são também inerentemente tímidas ou “neuróticas” - isto é, ansiosas e depressivas” (Aron, 2002, p. 16). Esta relação com afetos negativos como a depressão e ansiedade tem sido verificada em inúmeros estudos (Acevedo et al., 2018; Aron & Aron, 1997), sendo que no estudo desenvolvido por Brindle e colaboradores (2015) se aponta para a possibilidade de este traço ter um impacto significativamente negativo na adoção de estratégias adaptativas de regulação emocional. Contudo, há autores que defendem ser necessário não encarar esta associação como linear ou absoluta, visto existirem vários fatores que devem ser tidos em conta e que vão influenciar, quer positiva quer negativamente, o bem-estar de indivíduos com ASPS, defendendo-se que “Indivíduos altamente sensíveis podem não estar necessariamente predispostos ao afeto negativo mas permanecem mais sensíveis à qualidade do suporte ambiental” (Grimen & Diseth, 2016, p. 8).

Os primeiros estudos foram conduzidos por Aron e Aron (1997), partindo do pressuposto de que existiriam diferenças ao nível da performance em indivíduos com sensibilidade de processamento sensorial e de que poderia existir um traço, à semelhança do verificado noutras espécies, que conjugasse a uma tendência para a introversão aliada a um *continuum* que oscilasse entre a atitude de exploração e a postura de vigilância face a situações novas, nesta última podendo culminar numa resposta de retirada. Apesar de não ter constituído uma ideia nova, os estudos que já tinham abordado a sensibilidade de processamento sensorial tendiam a focar-se na situação de *overarousability* ou na sensibilidade à dor, mas sempre sem analisar a fundo o processo envolvido (Aron & Aron, 1997). Esta foi uma investigação dividida em sete estudos que permitiu avançar com a noção de ASPS enquanto um construto personalístico e unidimensional, que permitia aos indivíduos processar os estímulos com uma maior sensibilidade, capacidade reflexiva e sensibilidade. Os autores concluíram, então, que (1) existia uma percentagem significativa de indivíduos que eram extrovertidos, sendo que falar de sensibilidade deixou de ser o mesmo que falar de introversão, (2) que os indivíduos com ASPS apesar de pararem para refletir, nem sempre optam por não agir, o que aponta para a existência de autodeterminação, (3) que os indivíduos terem tido uma boa rede de suporte na infância se traduzia na capacidade de tornar este traço numa vantagem, e (4) que se tratava de um construto distinto do neuroticismo. Todavia, obtiveram um resultado que apontaram como interessante de ser posteriormente analisado: o facto de o género masculino ser mais afetado por um ambiente e suporte parental mais pobre face a indivíduos que não tinham ASPS e que cresciam no mesmo tipo de ambiente.

Importa então referir que apesar de inicialmente a ASPS ter sido apresentada como unidimensional (Aron & Aron, 1997), atualmente existe um consenso que aponta para a existência de três dimensões explicativas da ASPS (Aron & Aron, 2010; Booth et al., 2015; Smolewska et al., 2006): a *facilidade de excitação*, a *sensibilidade estética*, e o *baixo limiar sensitivo*. Tendo em conta que a validação da adaptação da EASPS para a população portuguesa se encontra em curso, é importante que no presente estudo se valide a estrutura dimensional apresentada, e verificar se a análise fatorial exploratória forçada a três dimensões obtém valores psicométricos satisfatórios.

No que concerne às diferenças entre os géneros, vários são os estudos nos quais participantes do género feminino pontuam mais do que o género masculino na EASPS (Benham, 2006). Logo nos estudos de Aron e Aron (1997), tal foi passível de ser observado, ainda que os autores tenham considerado que tal diferença poderia decorrer “do ideal cultural ocidental para os homens não serem sensíveis” (p. 357). Apesar desta noção da influencia da cultura e do efeito da desejabilidade social nas respostas dadas pelos participantes, Aron e colaboradores (2010) conduziram um estudo que se propôs a indagar a possível influência da SPS na resposta neural dada, avaliando o possível efeito mediador do contexto cultural e, com base nos resultados obtidos, foi possível concluir que independentemente das diferenças culturais existentes, as

regiões neurológicas ativadas eram as mesmas e a atenção dada a cada tarefa não era influenciada por outros fatores.

Numa outra investigação, Smolewska e colaboradores (2006) procurou analisar a relação entre a ASPS com as Escalas BIS/BAS (Carver & White, 1994) e o Inventário NEO-FFI (Costa & McCrae, 1992). Nesta concluiu-se, após a avaliação psicométrica, que a ASPS teria três fatores distintos e não um construto unidimensional como Aron & Aron (1997) haviam sugerido. sendo eles (1) *facilidade de excitação*, que se refere ao ficar-se mentalmente sobrecarregado por estimulação interna e/ou externa; (2) *sensibilidade estética*, que remete para a consciência de estímulos estéticos; e (3) *baixo limiar sensitivo*, em que a estimulação externa vai originar um *arousal* desagradável para o indivíduo. Adicionalmente, esta investigação avançou com algumas conclusões, especificamente: (1) que o afeto negativo somente estava associado com a dimensão *facilidade de excitação*, (2) que níveis mais elevados de ativação do sistema de inibição comportamental estavam correlacionados com a dimensão *facilidade de excitação*, e (3) que o fator *abertura à experiência* (NEO-FFI) estava associado com a ASPS.

Esta relação entre o fator *abertura à experiência* (NEO-FFI) não é singular ao estudo supramencionado, sendo que também Cater (2016) a observou nos resultados do seu estudo, avançando que “a tensão criada entre a abertura à experiência e elevados valores de ativação do SIC poderiam levar a sobrecarga” (Cater, 2016, p. 26).

Acevedo e colaboradores (2014), num estudo fMRI sobre a ASPS e capacidade de resposta às emoções expressas pelos outros, referem que o benefício para a sobrevivência da espécie e a vantagem de se ter ASPS termina onde começa a sobrecarga resultante deste traço que se revela caro ao nível do gasto metabólico que exige do indivíduo. Nesta investigação foi possível constatar que o volume de atividade neurológica observada varia consoante o grau de ASPS, sendo que quer este seja elevado ou reduzido, as áreas cerebrais ativadas correspondem às responsáveis pelo estado de alerta, integração da informação sensorial, empatia e preparação para a ação. Os autores referem ter sido interessante constatar que não existia uma ativação neurológica da amígdala, algo expectável face a estimulação emocional.

1.2. Agressão

Ao contemplar a História da Humanidade, a presença da violência nos acontecimentos tidos como marcantes é indubitável. Ademais, a agressão tem estado sempre presente na conduta comportamental humana e, ainda que encarada de forma diferente de acordo com o contexto cultural em que ocorre, tende a ser considerada um ato reprovável e inclusivamente sujeito a condenação penal, visto o seu impacto negativo. Não se trata, portanto, de um fenómeno recente, e ultimamente tem sido alvo de análise por vários investigadores.

Falar de violência, agressividade e agressão não é o mesmo. Ainda que associados entre si e utilizados de forma indiscriminada, a verdade é que cada um destes termos remete para algo distinto e, como tal, importa desde já clarificá-los.

A violência, “termo que se transforma numa categoria ampla, comportando inúmeros fenómenos, o que a torna, perigosamente, pouco precisa” (Costa, 2013, p. 26), é tida como o fenómeno que vai contra a ordem social estabelecida, as normas sociais vigentes e é influenciada por múltiplos fatores, incluindo o contexto cultural em que ocorre, sendo que a conduta que é classificada como «violência» vai sempre variar de acordo com os padrões específicos a cada sociedade. Neste seguimento, a violência “é enquadrada, admitida, tolerada ou proibida nas diferentes sociedades que lhe servem de palco” (Costa, 2013, p. 27). Há autores que aprofundaram a noção de violência, referindo que esta remete para condutas especialmente infames, extremas e reprováveis, sendo que tendencialmente esta conduta pode ser autodirigida, interpessoal ou coletiva, dependendo das características e finalidades que lhe estão associadas (Krug, Dahlberg, Mercy, Zwi & Lozano, 2002; Rippon, 2000).

A agressividade, por sua vez, tem-se afirmado como um comportamento transcultural e, apesar das suas diversas formas de expressão, é certo que “A mente humana demonstrou, desde sempre, uma atração desmedida e um incansável interesse pelo mórbido, pela violência extrema, pelo marginal, pelo insólito” (Costa, 2013, p.13). Atualmente reconhece-se que falar de «agressividade» é diferente de falar de «agressão», já que a primeira remete para “um traço da personalidade que pode ter várias formas de expressão visando, em todo o caso, o dano a outrem, a sua destruição, coação ou humilhação” (Cunha & Gonçalves, 2012, p. 4), e a segunda para o ataque direto, incluindo o ataque verbal, que é intencional e que tem como alvo tanto seres vivos como objetos, sendo que geralmente resulta da perceção de um estímulo com aversivo (Anderson & Bushman, 2002; Bushman & Anderson, 2001). No concerne especificamente à agressividade, esta atualmente é encarada como um construto tripartido composto por uma vertente instrumental - a *agressão física e verbal* -, uma afetiva - a *raiva* -, e uma cognitiva - a *hostilidade* (Cunha & Gonçalves, 2012). Tem sido objeto de estudo de diversas disciplinas - biologia, sociologia, psicologia, antropologia, etc -, sendo vista como uma conduta comportamental de duas faces, podendo ser encarada como um comportamento inato, genético, ou seja, com uma origem endógena, ou ser encarada como um comportamento aprendido, cultural, derivado da necessidade de adaptação ao meio em que o sujeito se insere e, como tal, com uma origem exógena (Costa, 2013).

De acordo com a revisão da literatura efetuada por Rippon (2000), existem três aspetos presentes na maioria das definições para a agressão: (1) uma clara existência de propósito, tendo a conduta uma finalidade que passa por (2) atingir, direta ou indiretamente, física, emocional e psicologicamente o alvo da ação. Recentemente, Allen e Anderson (2017a) defendem que a diferenciação de agressão é concretizável através da presença de determinadas características, concretamente: (1) o ser observável, (2) ser intencional, (3)

visar provocar dano, (4) envolve seres vivos (ou seja, a agressão deslocada só é considerada agressão quando é utilizada como um meio para ferir o outro), e (5) o alvo da agressão não quer sair prejudicado ou magoado.

Existem ainda autores que referem ser necessário considerar também a presença de certos predisponentes, concretamente uma socialização desadequada ou a exposição precoce a comportamentos agressivos incrementa a predisposição para a ocorrência de condutas agressivas, mas tendo sempre em conta que nenhum fator isolado é suficiente para clarificar a heterogeneidade verificada na conduta agressiva.

No que concerne às tipologias da agressão referidas na literatura, parece não existir um consenso, sendo que as diferentes teorias tendem a apresentar uma lista de tipologias diferentes. Todavia, a que comumente é referida, é que a agressão se subdivide em agressão física - que visa magoar fisicamente o outro-, e em agressão social - que fere os sentimentos ou o *status* do outro (e.g. *bullying*)-, sendo que ambas podem ser adicionalmente classificadas como uma agressão hostil - quando resulta do sentimento de raiva - ou uma agressão instrumental - quando se fere tendo em vista um determinado fim (Myers & Twenge, 2017). Existe ainda quem prefira utilizar a tipologia de agressão direta ou aberta, que inclui a agressão física e psicológica, e de agressão deslocada, na qual o ato é dirigido a pessoas ou objetos que não despoletaram o comportamento. No caso concreto da autoagressão, esta difere das supramencionadas na medida em que o indivíduo desloca a agressão para si próprio.

Em suma, perpetua-se toda uma controvérsia em torno da terminologia e tipologia dos atos agressivos, sendo que classificação apresentada no “*World report on violence and health*” da Organização Mundial de Saúde (OMS) (2002), a meu parecer, constitui uma das mais abrangentes, propondo a existência de quatro formas de agressão, uma das quais até então desvalorizada: (1) a agressão física, (2) a agressão psicológica, (3) a agressão sexual e (4) a negligência (Krug et al., 2002).

Atentando agora aos fatores predisponentes de atos de agressão, importa desde já deixar claro que de acordo com Buss e Perry (1992) a existência de hostilidade não constitui necessariamente uma condição para a ocorrência de agressão, visto tratar-se da dimensão cognitiva da agressão. Adicionalmente, considera-se que a agressão pode ser utilizada de forma positiva ou negativa pelo indivíduo, dependendo de como este a emprega e que conduta decide adotar. Desta forma, existem determinados fatores predisponentes do comportamento agressivo, como o género, a escolaridade, o estatuto socioeconómico, a idade, entre outros. Destes, o género tem sido amplamente analisado, existindo já estudos em diversos contextos culturais. No que concerne particularmente ao género, a maioria dos estudos apontam para *scores* totais de agressão e agressão física mais elevados no género masculino e jovens, e de agressão indireta no género feminino (Björkqvist, 2017; Buss &

Perry, 1992; Costa, 2013; Cunha & Gonçalves, 2012). Atentando a outros fatores, por exemplo ao estado civil, realça-se que “O suporte social e afetivo que um indivíduo possa possuir funciona como um fator protetor no que concerne a comportamentos de índole violenta” (Monahan, cit in Costa, 2013, p. 31).

Antes de passarmos à apresentação das teorias, e tendo em linha de conta tudo o que foi supramencionado e que “agressividade” e “agressão” são conceitos distintos, ainda que associados entre si, entendeu-se como oportuno decidir qual dos termos seria mais adequado. Se atentarmos à escala original de Buss e Perry (1992), verificamos que o seu nome é “*Aggression Questionnaire*”, o que traduzido para português corresponde a “*Questionário da Agressão*”. Todavia as adaptações desta escala para a população portuguesa optaram pela designação “Questionário de Agressividade” (Cunha & Gonçalves, 2012; Simões, 1993) e, ainda que a decisão seja aceite dado a existência de itens que avaliam a agressividade, se tivermos em consideração a distinção entre os dois termos e que o objetivo do presente estudo passa por indagar a ocorrência da conduta agressiva e não uma predisposição para causar dano deliberado a outrem, considero que o termo “agressão” será o mais adequado. Ou seja, considerando a agressividade como um traço da personalidade, e a agressão como a resposta que o indivíduo pode adotar perante determinados estímulos e situações, e não esquecendo que o objetivo do presente estudo é compreender de que forma a presença do traço ASPS se relaciona com a maior ou menor ocorrência de atos de agressão, considerando-se ainda nesta análise o possível efeito mediador de variáveis como o género e a idade, o termo que doravante utilizarei será “agressão”.

1.2.1. Teorias etiológicas da agressão

Existem diversas teorias etiológicas da agressão, cada uma com um contributo significativo para a melhor compreensão deste complexo comportamento. No geral, elas podem distinguir-se consoante a explicação da génese da agressão, ou seja, se consideram que esta terá origem em causas endógenas, ou se terá origem em causas exógenas, e se assumem uma perspetiva associada às teorias biológicas e inatistas ou às teorias psicossociais (Ribeiro & Sani, 2009). Independentemente do que cada teoria defende, é reconhecido que a agressão faz parte do repertório comportamental humano mas, dependendo da sua finalidade, pode ser um comportamento adaptativo ou mal adaptativo.

Para as teorias inatistas e biológicas, a agressão está determinada. No campo da Psicanálise, a teoria coloca a ênfase no instinto. Ou seja, considera-se que a agressão é inata e funciona como um processo de catarse, tendo uma origem endógena, e sendo movida por uma tensão de morte - *Thanatos* - que deve ser libertada (Freud referido em Kristensen, Lima, Ferlin, Flores & Hackmann, 2003).

Uma teoria bastante referida, corresponde à teoria da frustração-agressão, na qual se considera que a agressão decorre da instigação por parte da frustração percecionada pelo

indivíduo ao não lhe ser possível atingir uma dada finalidade, sendo que apesar de inicialmente se considerar que tal culminaria invariavelmente na passagem ao ato (Costa, 2013; Ribeiro & Sani, 2009). Posteriormente Berkowitz (1989) veio propor que tal não seria tão linear, ou seja, introduziu a ideia de que quando determinadas situações eram percebidas como aversivas, iriam desencadear tendências de luta e fuga, considerando que a frustração iria gerar afetos negativos mas que a passagem ao ato dependeria sempre de como o indivíduo encarava a situação e se sentia necessidade de reagir, sendo que se o fizesse a agressão seria classificada de reativa ou de instrumental consoante (Gonçalves, 2002).

Nas teorias da aprendizagem social, considera-se que a agressão, à semelhança de tantos outros comportamentos, é adquirida através da modelagem e do reforço, dependendo de fatores como a motivação do observador e a relevância do modelo para se efetivar, e apontando para a existência de uma dinâmica bidirecional entre o indivíduo e o ambiente (Allen, Craig, & Anderson, 2017b; Costa, 2013; Ribeiro & Sani, 2009).

Nos modelos de processamento da informação social, importa referir que embora inicialmente estes tenham considerado que na génese da agressão estariam défices de processamento nos quais as percepções e atribuições do indivíduo ou eram de tonalidade negativa ou decorrentes da previsão de algum tipo de ganho, Huesmann veio alterar esta visão (Huesmann, 2018; Kristensen et al., 2003; Ribeiro & Sani, 2009). De acordo com Huesmann (2018), existem quatro características inerentes à agressão, concretamente: (1) resulta da presença de predisponentes e precipitantes; (2) se presente desde a infância, tende a cristalizar e escalar na fase adulta; (3) nenhum fator predisponente por si só explica a agressão ou as diferenças individuais que se verificam; e (4) a modelação é determinante na socialização, sendo que se a criança for exposta a comportamentos agressivos, maior será a probabilidade de adoção futura de comportamentos agressivos. Tendo estas características sempre em consideração, o processamento da informação social inicia-se com a avaliação da situação e recuperação de um *script* social, sendo que se a situação for percebida como negativa, vai ativar *scripts* negativos, nomeadamente de agressão (Dodge et al., 2015). O *script* recuperado é analisado de acordo com um conjunto de filtros, incluindo a congruência deste com as crenças do indivíduo, sendo que no fim se opta por uma determinada conduta comportamental, à qual se seguirá uma autoavaliação das consequências de tal decisão, sendo que dependendo do resultado desta avaliação, se pode verificar uma alteração das cognições sociais possuídas até então, concretamente ao nível dos esquemas que o indivíduo possui do mundo e que o orientaram durante a avaliação da situação, do repertório de *scripts* que possuía, e das crenças normativas acerca de qual o comportamento mais apropriado para determinada situação social (Huesmann, 2018). Ou seja, quando o indivíduo analisa os resultados que obteve ao agir de acordo com um determinado *script*, pode considerar que é necessário alterar os esquemas, *scripts* e crenças que o orientaram na resolução do problema social em questão.

Focando agora o modelo geral da agressão (MGA) teorizado por Anderson e Bushman (2002), e apresentado como o modelo que dá a explicação mais abrangente deste comportamento, este aponta para a existência de três subtipos de estruturas que emergem a partir da experiência do indivíduo e, à medida que vão sendo recuperadas em diferentes situações, acabam por se automatizar e, conseqüentemente, influenciar a percepção do indivíduo, sendo elas (1) os esquemas perceptuais, (2) os esquemas pessoais e (3) os *scripts* comportamentais (Kristensen et al., 2003; Cavalcanti & Pimentel, 2016). Posto isto, o MGA baseado em estruturas do conhecimento, através da apresentação de um caráter cíclico entre três aspectos possibilitarem a compreensão da agressão, sobretudo quando a ocorrência desta resultar de um conjunto de motivos, sendo estes aspectos: (1) *inputs* relativos à pessoa e à situação, (2) as trajetórias do estado interno atual, e (3) o resultado do processo de avaliação e respectiva decisão (Allen, Anderson & Bushman, 2018; Ribeiro & Sani, 2009). Em suma, este é um modelo que considera a existência de fatores distais, concretamente os modificadores biológicos, os modificadores ambientais e a personalidade do indivíduo, que vão influenciar os processos proximais, concretamente os *inputs* relativos à pessoa e à situação que vão influenciar as trajetórias do estado interno atual (cognição - afeto - *arousal*) e, que por sua vez, influenciam e são influenciadas pelos resultados da decisão por uma ação impulsiva ou uma ação refletida (Allen & Anderson, 2017b).

Como vimos, são várias as alternativas explicativas existentes para a agressão, nem todas foram apresentadas por se considerar que não seriam oportunas para o presente estudo. De acordo com a revisão de Ribeiro e Sani (2009), que se debruçou em três grandes teorias, concretamente as perspectivas inatistas, as teorias psicossociais e o MGA, deve-se evitar “optar por uma explicação particular, para não incorrer em interpretações redutoras” (p. 103). E, no geral, esta noção estende-se às diversas revisões, ainda que geralmente o MGA seja apontando como o mais explicativo deste fenómeno. Na revisão de Kristensen e colaboradores (2003), que se centra na agressão física, e apresentou as perspectivas teóricas clássicas - a psicanálise, o behaviorismo e o modelo da aprendizagem social -, os modelos integrativos recentes - o cognitivismo neo-associacionista, o modelo do processamento da informação social e a perspectiva do interacionismo social -, e o MGA, a conclusão é semelhante, visto que os autores consideram que a compreensão deste fenómeno exige uma abordagem múltipla e que a agressão resulta de uma interação bidirecional entre os fatores biológicos e os fatores psicossociais e ambientais (Kristensen et al., 2003). Adicionalmente, e embora o MGA continue a ser encarado como o modelo mais completo e adequado para orientar programas de prevenção da agressão (Allen, Anderson, & Bushman, 2018), importa referir que Huesmann (2018), na teorização do modelo de processamento de informação social, alerta para que quanto maior for a exposição à violência, maior será a probabilidade de contágio, mesmo que só se esteja exposto a ela através da observação.

Por ser um comportamento tão complexo e, ainda que reprovável, se continue a verificar a sua ocorrência, as teorias esforçam-se por conhecer os fatores predisponentes associados a

uma maior probabilidade de adoção desta conduta, bem como das circunstâncias que facilitam a passagem ao ato. Tal é essencial para permitir uma adequada intervenção psicológica, bem como para orientar o delineamento de programas de prevenção adequados.

Desta forma as perspetivas inatistas e biológicas, ainda que importantes, mostram ser insuficientes para a compreensão deste fenómeno. Desde logo porque retiram ao indivíduo a sua autodeterminação, assumindo que a agressão é algo determinado biologicamente e, portanto, incontrolável. Tal não corresponde à realidade, visto que apesar de estas variáveis agirem como predisponentes, não são por si suficientes para determinar a passagem ao ato e, desta forma, não se pode desresponsabilizar o indivíduo pela agressão. Neste sentido, sabe-se que existe todo um conjunto de fatores que podem funcionar como instigadores de respostas agressivas por parte do indivíduo, e as teorias psicossociais vêm colocar a ênfase na necessidade de atender ao contexto e ao próprio indivíduo na hora de explicar a génese do ato agressivo. Todavia, até ao momento nenhuma teoria por si só é capaz de abranger toda a complexidade deste fenómeno.

Em suma, os fatores instigadores da agressão não são transversais a todas as perspetivas, o que é expectável dado que não existe um consenso relativo à génese deste comportamento. Como tal, importa não descurar a noção de que a agressão é influenciada por uma multiplicidade de circunstâncias e fatores, não existindo uns mais importantes do que outros, visto que tudo vai depender do indivíduo e como este decide agir. Ou seja, apesar de em determinadas situações, o indivíduo poder agir impulsivamente e irrefletidamente, não deve ser desculpabilizado, porque a passagem ao ato não foi pré-determinada. Desta forma, o GAM apresenta-se como o modelo mais completo para a compreensão da agressão, ainda que nunca nos devamos cingir a uma única perspetiva ao encarar um fenómeno complexo. Adicionalmente, é necessário continuar a estudar este fenómeno pois só com uma melhor compreensão deste, será possível uma adequada prevenção (Cavalcanti & Pimentel, 2016).

1.2.2. Conclusões de alguns estudos sobre a agressão

Relativamente à agressão, a bibliografia aponta para uma maior ocorrência de comportamentos agressivos na adolescência e início da idade adulta e que têm tendência para se petrificarem no quadro de conduta pessoal do indivíduo na presença de determinados predisponentes. Liu e colaboradores (2013), consideram que a agressão, quando presente na adolescência, tem tendência a escalar na idade adulta, assumindo contornos mais graves, verificando-se casos de abuso sexual, violência doméstica, homicídio, entre outras formas de agressão classificadas como mais graves. Apesar desta noção, os estudos apontam para maiores níveis de *scores* totais e de agressão física no género masculino e com menos de 25 anos, facto referido como a “*young male syndrome*” decorrente dos níveis elevados de testosterona nesta faixa etária (Björkqvist, 2017; Buss & Perry, 1992; Costa, 2013; Morsünbül, 2015; Myers & Twenge, 2017). Um aspeto interessante, é que apesar de a maioria dos estudos

não encontrarem diferenças estatisticamente significativas ao nível da dimensão *raiva*, Archer (2004) refere que o género masculino tende a recorrer a formas de agressão mais graves e arriscadas do que o género feminino.

Já o género feminino, tende a apresentar mais agressão indireta quando comparado com o género masculino, apresentando valores mais elevados na infância e adolescência (Anderson & Bushman, 2002; Archer, 2004; Björkqvist, 2017). Ainda que os fatores com valores mais elevados não sejam transversais a todos estudos, é reconhecido que a passagem ao ato será sempre menor no género feminino decorrente da internalização da agressão, o que resulta num maior autocontrolo neste género (Vieira & Soeiro, referidos em Cunha & Gonçalves, 2012).

Um estudo conduzido por Hsieh e Chen (2017), que se propôs a analisar a relação entre a regulação emocional e o controlo inibitório na previsão de ocorrência de agressão, e que teve como amostra 80 participantes com idade média de 21.57 anos de idade, sendo 41 do género masculino e 39 do género feminino, os resultados obtidos revelaram que indivíduos com um baixo controlo inibitório associado a uma baixa regulação emocional, são os que apresentam mais agressão.

Em suma, os estudos relativos à agressão não são totalmente consensuais, sendo que tal pode decorrer de diferenças culturais existentes, bem como da interferência do efeito de desejabilidade social e, em ambos os casos, as respostas dos participantes vão ser influenciadas e, portanto, a generalização dos resultados deve ser realizada com a devida cautela. Um outro aspeto avançado por Ribeiro e Sani (2008), é que se tem verificado uma banalização da agressão, de tal forma que só se considera agressão atos que sejam classificados como mais graves (e.g. homicídios), desconsiderando-se a gravidade de outras formas de agressão que não as físicas, mas que tendem a ter efeitos nefastos na vida das vítimas, sendo que caso esta desvalorização se verifique, também ela irá influenciar os resultados obtidos.

1.3. Agressão em indivíduos com ASPS

Após a análise de diversos estudos e tendo em conta o que a presente investigação se propõe a analisar, importa referir resultados e conclusões significativas relativas à associação entre a agressão e a ASPS.

No seu estudo, Engel-Yeger e Dunn (2011) procuraram compreender a associação entre a SPS e o afeto. Com uma amostra normativa, com idades compreendidas entre os 18 e os 50 anos, e recorrendo ao *The Positive and Negative Affect Schedule* (PANAS) (Watson Clark, & Tellegen, 1988), mais concretamente aos resultados obtidos no fator *Afeto Negativo*, observaram um resultado particularmente relevante para o presente estudo: uma associação positiva entre a SPS e o item *irritado* do PANAS, $r = .262$, $p \leq .01$.

Um outro estudo, desenvolvido por Meyer e colaboradores (2005), no qual a amostra foi normativa, constituída por 156 adultos, dos quais 72% do género feminino, e com uma média de idades igual a 30.20. Utilizando a EASPS e a *Mood Rating Scale* (McNair, Lorr, & Droppelman, 1971), obtiveram resultados que apontam para uma associação positiva entre a dimensão *raiva* e a EASPS, $r = .34$, $p < .01$.

O estudo de validação da escala alemã da HSPS, desenvolvido por Konrad e Herzberg (2017), teve uma amostra de 397 indivíduos, com idades compreendidas entre os 18 e os 68 anos de idade, sendo que 77% dos participantes eram do género feminino. Utilizando a adaptação da HSPS e o *Brief Symptom Checklist* (BSCL) (Franke, 2017), obtiveram resultados que apontaram para duas associações positivas relevantes para o presente estudo, concretamente entre a dimensão *facilidade de excitação* e a dimensão *hostilidade*, $r = .55$, $p \leq .001$, e entre a EASPS total e a *hostilidade*, $r = .54$, $p \leq .001$. Com base nos resultados, os autores consideraram a dimensão *baixo limiar sensitivo* associada a uma sobrecarga sensorial, pode culminar em atos agressivos visto que “desencadeia medo porque o indivíduo não está a reagir adequadamente” (Konrad & Herzberg, 2017, p. 13).

1.4. Objetivos e hipóteses de investigação

O objetivo geral do presente estudo passa por analisar as formas de manifestação de agressão presentes em indivíduos altamente sensitivos, procurando-se compreender se ao considerar o género e a idade, se obtinham diferenças significativas nos resultados obtidos. Espera-se que desta forma seja possível compreender se possui ASPS e ser de um determinado género ou idade facilita a passagem ao ato de agressão. Os objetivos específicos passam então por:

1. Caracterizar os comportamentos de agressão (agressão física, agressão psicológica, raiva e hostilidade) dos participantes com ASPS elevada;
2. Verificar a existência de diferenças estatisticamente significativas entre as variáveis sociodemográficas Género e Idade e as dimensões e scores totais da EASPS e do QA;
3. Averiguar a existência de uma relação entre a ASPS e a agressão;
4. Caso esta associação se verifique, determinar se ao considerar as variáveis sociodemográficas género e idade, se verificam diferenças significativas.

Em suma, a grande questão de investigação que norteia a presente investigação é: Quais as formas de agressão proeminentes em indivíduos com ASPS?

Tendo por base a revisão da literatura, anteriormente apresentada, e os objetivos do presente estudo, procedeu-se à definição das hipóteses de investigação, que passo a apresentar, com a referência da respetiva fundamentação teórica associada.

Hipótese 1: A escala de ASPS é explicada por três dimensões (e.g. Smolewska et al., 2006).

Hipótese 2: Indivíduos do género feminino apresentam níveis mais elevados de ASPS (e.g. Aron & Aron, 1997; Benham, 2006; Konrad & Herzberg, 2017).

Hipótese 3: Indivíduos do género masculino apresentam maiores níveis de agressão física (e.g. Björkqvist, 2017; Buss & Perry, 1992).

Hipótese 4: Indivíduos do género feminino apresentam maiores níveis de hostilidade (e.g. Anderson & Bushman, 2002).

Hipótese 5: Indivíduos do género feminino apresentam maiores níveis de raiva (e.g. Cunha & Gonçalves, 2012).

Hipótese 6: Indivíduos do género masculino e com menos de 24 anos de idade apresentam maiores níveis de agressão (e.g. Björkqvist, 2017; Morsünbül, 2015; Myers & Twenge, 2017).

Hipótese 7: Há associação entre a agressão e a ASPS (e.g. Konrad & Herzberg, 2017).

Hipótese 8: Há associação entre a dimensão facilidade de excitação e o fator hostilidade (e.g. Konrad & Herzberg, 2017;).

Hipótese 9: Há associação entre a dimensão limiar sensitivo baixo e a agressão (e.g. Konrad & Herzberg, 2017).

Hipótese 10: Há associação entre a ASPS e o fator raiva (e.g. Engel-Yeger & Dunn, 2011; Meyer et al., 2005;).

Capítulo 2 - Método

Seguidamente, apresentam-se em detalhe todos os aspetos revelantes acerca do trabalho empírico desenvolvido. No que concerne ao desenho da investigação, importa clarificar desde já que o presente estudo é transversal, caracterizando-se pela recolha de dados num único espaço temporal, de cariz descritivo, visto que visa descrever a ocorrência dos fenómenos em estudo, e que através de metodologias quantitativas, é ainda um estudo correlacional que vai permitir analisar as relações existentes entre as variáveis sem, para tal, recorrer à manipulação destas (Ribeiro, 2010).

2.1. Participantes

A amostra inicial do presente estudo, formada por um total de 1061 indivíduos com idades compreendidas entre os 13 e os 80 anos de idade, foi alvo de uma redução. Como critérios de exclusão utilizou-se: (1) o ter menos de 18 anos de idade, uma vez que o protocolo era dirigido a indivíduos com 18 ou mais anos de idade; (2) existência de *missings* nas variáveis sociodemográficas em estudo; e (3) ausência de resposta a 3 ou mais itens em cada escala analisada. Após este procedimento de exclusão, a amostra passa a ser constituída por um total de 947 indivíduos, com idades compreendidas entre os 18 e os 80 anos de idade. Todavia, no decorrer das análises estatísticas, optou-se pelo método de exclusão de casos *listwise*.

No que concerne ao estabelecimento de grupos na variável sociodemográfica idade, importa referir que partindo da análise dos percentis mesma, e de acordo com a nova conceção do limite atribuído à fase da adolescência dos 10 aos 24 anos de idade (Sawyer, Azzopardi, Wickremarathne, & Patton, 2018), considerou-se oportuno estabelecer como primeiro grupo os participantes que tivesse entre 18 e 23 anos. Posteriormente, e decorrente da análise dos *outliers*, entendeu-se por conveniente estabelecer ainda um terceiro grupo que os incluísse, sendo constituído pelos participantes com idades compreendidas entre os 60 e 80 anos de idade. Em algumas análises estatísticas este grupo foi desconsiderado por não ser relevante oportuna a sua inclusão na observação.

Partindo da análise da Tabela 1, verifica-se que a amostra do presente estudo é formada maioritariamente por elementos do género feminino (65.8%). As idades, variam entre os 18 e os 80 anos ($M = 29.08$; $DP = 12.03$), sendo que aproximadamente metade da amostra tem idade compreendida entre os 18 e os 23 anos (51.4%). Relativamente ao estado marital, a maioria dos participantes encontra-se solteiro (44.9%), seguidos de num namoro ou compromisso afetivo (28.7%), sendo que apenas uma minoria se encontra numa união de facto (4.0%), divorciado ou separado (3.2%) ou viúvo (0.2%). No que concerne ao local de residência, a maioria dos participantes reside numa pequena cidade (46.8%), e uma minoria

num grande meio rural (10.2%). Atendendo à escolaridade, a maioria tem uma formação universitária de nível Licenciatura ou Bacharelato (48.6%), seguindo-se até 12 anos de escolaridade (31.2%). Quanto à situação profissional, a maioria dos participantes são estudantes (45.1%) e trabalhadores por conta de outrem (37.6%), sendo que na sua maioria os participantes consideram integrar um nível socioeconómico médio (56.1%), seguido de baixo-médio (28.0%). Verifica-se ainda uma esmagadora maioria que classifica a sua orientação sexual como heterossexual (86.7%).

Tabela 1

Caracterização dos Dados Sociodemográficos dos Participantes (N=947)

Variáveis Sociodemográficas	N	Frequências (%)
Género		
Masculino	321	33.9%
Feminino	623	65.8%
Outro	3	0.3%
Idade		
18-23	487	51.4%
24-59	441	46.6%
60-80	19	2.0%
Estado marital		
Casado/a	180	19.0%
Solteiro/a	425	44.9%
Divorciado/a ou Separado/a	30	3.2%
Viúvo/a	2	0.2%
Unido/a de facto	38	4.0%
Namoro/compromisso afetivo	272	28.7%
Local de residência		
Pequena cidade	443	46.8%
Grande cidade	237	25.0%
Pequeno meio rural	170	18.0%
Grande meio rural	97	10.2%
Escolaridade		
Até 9 anos de escolaridade	48	5.1%
Até 12 anos de escolaridade	295	31.2%
Formação universitária (Licenciatura/Bacharelato)	460	48.6%
Formação universitária (Mestrado/Doutoramento)	144	15.2%
Situação profissional		
Desempregado/a	58	6.1%
Estudante	427	45.1%
Trabalhador/a-estudante	47	5.0%
Trabalhador/a por conta de outrem	356	37.6%
Trabalhador/a por conta própria	44	4.6%
Reformado/a	15	1.6%
Estatuto socioeconómico		
Baixo	69	7.3%
Baixo-médio	265	28.0%
Médio	531	56.1%
Médio-alto	74	7.8%
Alto	8	0.8%
Orientação sexual		
Heterossexual	821	86.7%
Bissexual	56	5.9%
Gay ou Lésbica	67	7.1%
Assexual	3	0.3%

2.2. Instrumentos

O presente estudo baseou-se nos dados recolhidos em respostas dadas *online* ao protocolo “Alta sensibilidade de processamento sensorial e variáveis sociodemográficas”, constituído pelo questionário sociodemográfico e, entre outras escalas, a Escala de Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial (EASPS) e pelo Questionário de Agressividade (QA), e sendo assegurada a recolha do consentimento informado antes de os participantes poderem responder ao mesmo.

2.2.1. Questionário sociodemográfico

No protocolo, o primeiro questionário apresentado aos participantes é o sociodemográfico. Este visa recolher dados pessoais, sociais, demográficos e económicos dos participantes por forma a permitir a caracterização da amostra e a facilitar a melhor compreensão e análise dos resultados obtidos.

Neste foram incluídas oito variáveis sociodemográficas, concretamente a idade, o género, o estado marital, o local de residência, a escolaridade, a situação profissional, a orientação sexual, e a perceção que os participantes têm do seu nível socioeconómico.

2.2.2. Escala de Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial (EASPS)

Para avaliar a ASPS recorreu-se à escala HSPS (Aron & Aron, 1997), composta por 27 itens e com uma escala de resposta de tipo *Likert* de 7 níveis (em que 1=*Nada* e 7=*Completamente*). Ainda que inicialmente se tenha considerado que a escala seria unidimensional (Aron & Aron, 1997), a maioria dos estudos posteriores tendem a apontar para a existência de três fatores na escala (Smolewska et al., 2006), concretamente: (1) *facilidade de excitação (EOE, sigla em inglês)*, que se refere ao ficar-se mentalmente sobrecarregado por estimulação interna e/ou externa; (2) *sensibilidade estética (AEA, sigla em inglês)*, que remete para a consciência de estímulos estéticos; e (3) *limiar sensitivo baixo (LST, sigla em inglês)*, em que a estimulação externa vai originar um *arousal* desagradável para o indivíduo. Todavia, outras descobertas empíricas apontam para uma estrutura de dois fatores (Evans & Rothbart, 2008) ou mesmo multifatores (Meyer, Ajchenbrenner, & Bowles, 2005).

A escala encontra-se em construção e processo de adaptação e validação para a população portuguesa por Pereira et al. (sd), tendo sido mantidos os itens da escala original, sendo que da sua exploração resultaram os dados posteriormente apresentados. Ao nível da consistência interna da EASPS, no estudo original foi de .85 e .87, no estudo de Smolewska et al. (2006) foi de .89.

Procedeu-se à análise fatorial exploratória por forma a confirmar a estrutura tridimensional da EASPS, visto esta ser a estrutura que mais tem sido adotada, forçando-se a extração a três fatores, e utilizando o método de rotação *varimax*. Atentando ao teste *Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy* (KMO) que visa “aferir a qualidade das correlações entre as

variáveis de forma a prosseguir com a análise fatorial” (Pestana & Gageiro, 2014, p. 520), o valor obtido corresponde a uma qualidade muito boa ($KMO = .914$), e o teste de esfericidade de Bartlett obteve um resultado significativo ($\chi^2 (351) = 7922.72, p = .000$). Desta análise fatorial exploratória resultaram três fatores: (1) *Facilidade de excitação* com 12 itens (itens 3, 5, 11, 13, 14, 16, 17, 21, 23, 24, 26 e 27); (2) *Sensibilidade estética* com 9 itens (itens 1, 4, 6, 7, 9, 18, 19, 20 e 25); e (3) *Limiar sensitivo baixo* com 6 itens (itens 2, 8, 10, 12, 15 e 22).

Após a análise fatorial exploratória, testou-se a confiabilidade da EASPS, e foi possível verificar que no presente estudo a escala obteve uma consistência interna boa ($\alpha = .90$), e que as três dimensões da EASPS apresentam uma consistência interna razoável na dimensão *limiar sensitivo baixo* ($\alpha = .74$), e boa nas dimensões *facilidade de excitação* ($\alpha = .86$) e *sensibilidade estética* ($\alpha = .80$) (Tabela 2).

Tabela 2

Confiabilidade da EASPS e Respetivas Dimensões

EASPS	Número de itens	Alfa de Cronbach
Fator 1 - <i>Facilidade de excitação</i>	12	.86
Fator 2 - <i>Sensibilidade estética</i>	9	.80
Fator 3 - <i>Limiar sensitivo baixo</i>	6	.74
Escala EASPS total	27	.90

2.2.3. Questionário de Agressividade (QA)

Para avaliar a presença de agressão na amostra, recorreu-se ao Questionário de Agressividade (QA) inicialmente desenvolvido por Buss & Perry (*Aggression Questionnaire*, 1992) e que teve por base o *Hostility Inventory* (Buss & Durkee, 1957). O QA é constituído por 29 itens, sendo que a análise fatorial exploratória revelou quatro fatores: (1) *agressão física*, (2) *agressão verbal*, (3) *raiva*, e (4) *hostilidade*. Na versão original a fidelidade foi satisfatória, sendo de realçar a boa consistência interna nos fatores (*alfas* de Cronbach na *agressão física* de .85, na *agressão verbal* de .72, na *raiva* de .83, na *hostilidade* de .77 e na escala total $\alpha = .80$), sendo que na fidelidade teste-reteste os índices foram igualmente satisfatórios, oscilando entre os .72 e .80 (Buss & Perry, 1992).

No que concerne à validade, importa referir que se encontraram diferenças significativas entre o género masculino e o género feminino, sendo que por exemplo os homens pontuam mais alto na subescala *agressão física* ($M = 24.3, DP = 7.7$) e as mulheres na subescala *hostilidade* ($M = 20.2, DP = 6.3$) (Buss & Perry, 1992). Adicionalmente, a correlação com outras escalas foi igualmente satisfatória, sendo que a análise confirmatória revelou um bom ajustamento dos dados (Buss & Perry, 1992).

Inicialmente Simões (1993) realizou um estudo de aferição da escala à população portuguesa, sendo que Cunha e Gonçalves (2012) foram responsáveis pela adaptação da escala. Para tal

procederam à análise fatorial confirmatória do QA, tendo como amostra alunos portugueses do Ensino Superior, e na qual atentaram à estrutura fatorial e às propriedades psicométricas da escala. Desta forma mantiveram os 29 itens e, após análise fatorial exploratória, os quatro fatores da versão original de Buss e Perry (1992) e já supramencionados.

No que concerne à consistência interna da versão portuguesa da escala (Cunha & Gonçalves, 2012), importa referir que o *Alfa de Cronbach* para a escala total revelou uma consistência interna boa ($\alpha = .88$), e nas subescalas de *raiva*, *agressão física* e *hostilidade* a consistência interna foi razoável ($\alpha = .79$, $\alpha = .76$ e $\alpha = .76$, respetivamente), sendo que a subescala *agressão verbal* apresentou uma consistência interna inadmissível ($\alpha = .56$). Na presente investigação, o QA revelou possuir uma consistência interna muito boa ($\alpha = .90$) para o *score* total do QA. Relativamente aos fatores, os fatores *hostilidade* ($\alpha = .87$), *raiva* ($\alpha = .81$) e *agressão física* ($\alpha = .80$) apresentam uma consistência interna boa, mas a dimensão *agressão verbal* apresenta uma consistência interna razoável ($\alpha = .73$).

Tabela 3

Confiabilidade do QA e Respetivas Dimensões

EASPS	Número de itens	<i>Alfa</i> de Cronbach
Fator 1 - <i>Agressão física</i>	9	.80
Fator 2 - <i>Agressão verbal</i>	5	.73
Fator 3 - <i>Raiva</i>	7	.81
Fator 4 - <i>Hostilidade</i>	8	.87
Escala QA total	29	.90

A versão portuguesa é igualmente de autoavaliação, estando constituída por 29 itens que vão avaliar quatro fatores que representam componentes distintas da agressão: a componente instrumental é representada pela *agressão física* (9 itens, respetivamente os itens 2, 5, 8, 11, 13, 16, 22, 25 e 29) e *agressão verbal* (5 itens, respetivamente os itens 4, 6, 14, 21 e 27), a componente emocional é revelada pela *raiva* (7 itens, respetivamente os itens 1, 9, 12, 18, 19, 23 e 28) e, por fim, a componente cognitiva é representada pela *hostilidade* (8 itens, respetivamente os itens 3, 7, 10, 15, 17, 20, 24 e 26). É solicitado ao indivíduo que se posicione face às afirmações segundo uma escala de resposta de tipo *Likert* de 5 pontos, desde o 1 “*Nunca*” a 5 “*Sempre*”. A variável agressão é contínua, ou seja, não existem pontos de corte nesta escala pelo que o indivíduo será tanto mais agressivo quanto mais elevado for o resultado por ele obtido. Todavia, os valores médios obtidos por Cunha e Gonçalves (2012) vão ser recuperados no capítulo 4, por forma a comparar os resultados obtidos no presente estudo (Tabela 4).

Tabela 4

Médias e Desvios-padrão de Referência para o QA (Cunha & Gonçalves, 2012)

Escala	Género Masculino		Género Feminino	
	M	DP	M	DP
Agressão Física	18.99	5.99	15.09	5.09
Agressão Verbal	13.38	2.79	12.84	2.79
Raiva	14.74	4.56	15.94	4.92
Hostilidade	18.37	5.08	17.94	5.06
Total	65.33	14.19	61.81	14.11

2.3. Procedimento

Tendo em vista avaliar os níveis de ASPS na população portuguesa e outras variáveis psicossociais, procedeu-se à elaboração de um protocolo. Este possibilitou a recolha de dados para o projeto “*Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial e variáveis Psicossociais*” (Pereira et. al, sd), possuindo um total de oito partes. A Parte 1 corresponde ao questionário sociodemográfico analisando oito variáveis sociodemográficas: (1) idade, (2) género, (3) estado marital, (4) local de residência, (5) nível de escolaridade, (6) situação profissional, (7) estatuto socioeconómico e (8) orientação sexual. A Parte 2 apresenta a adaptação da HSPS (Aron, 2001) elaborada por Pereira et. al (sd). A Parte 6 do questionário incide no Questionário de Agressividade (adaptado por Cunha & Gonçalves, 2012).

Primeiramente, procedeu-se à recolha de autorização e aprovação do projeto por parte da Comissão de Ética da Universidade da Beira Interior e, posteriormente, teve então lugar uma disseminação *on-line* do questionário de autorresposta dirigido a indivíduos com 18 ou mais anos de idade, sendo a amostra normativa e o método de amostragem não probabilístico dado que se recorreu a uma amostra por conveniência em que não houve aleatorização. Foi, ainda, assegurada a obtenção do consentimento informado garantindo-se os princípios éticos e deontológicos. Ainda assim, e dado que existiram indivíduos com menos de 18 anos de idade a responder ao protocolo, considerou-se que estes deveriam ser excluídos do estudo.

No que concerne à escolha pela recolha de dados *on-line*, esta decorreu do facto de a literatura apresentar este método como aquele que facilmente assegura uma maior diversidade geográfica e uma maior amostra, com rápidos retornos, sendo que não se encontram diferenças significativas nos resultados obtidos por este método quando comparados com os resultados da recolha de dados em suporte de papel (Lefever, Dal & Matthíasdóttir, 2007; Weigold, Weigold & Russel, 2013).

2.3.1. Procedimentos estatísticos

Finda a recolha *on-line* de dados, estes foram inseridos no programa que permite a sua análise estatística: o IMB SPSS Statistic - Versão 25.0. De entre as várias variáveis psicossociais avaliadas, a presente investigação centra-se na Agressão, visando-se analisar as formas de manifestação desta em indivíduos com ASPS.

Assim, iniciou-se o tratamento quantitativo dos dados, procedendo-se primeiramente a uma análise exploratória e teste à normalidade da distribuição dos dados, o que norteou os testes a utilizar para testar as hipóteses estatísticas estabelecidas. Uma vez que a amostra final é de 947 sujeitos, recorreu-se ao teste não paramétrico de aderência à normal Kolmogorov-Smirnov (*K-S*) com a correção de Lillefors, e não ao teste *Shapiro Wilks* para amostras de dimensão inferior (Pestana & Gageiro, 2014). Com base nos resultados obtidos, foi possível concluir que não seria possível aceitar a hipótese nula, visto não existir normalidade na distribuição dos dados ($p < .05$). Todavia, e de acordo com o Teorema do Limite Central, uma vez que a amostra do presente estudo tem uma dimensão superior a 30, entendeu-se por legítimo avançar com a análise estatística paramétrica, ainda que sendo sempre necessário ter em conta que tal pode colocar em causa a generalização dos resultados obtidos (Pestana & Gageiro, 2014; Maroco, 2007).

Teve então lugar a caracterização sociodemográfica da amostra do presente estudo, através das estatísticas descritivas. Dado que se trata de uma adaptação da EASPS à população portuguesa, a análise da consistência interna dos instrumentos, por si só incontornável, assumiu-se como fulcral para a validação da adaptação, tendo ainda sido realizada a análise fatorial exploratória da escala em questão, tendo sido ambas apresentadas anteriormente. Posteriormente, analisaram-se os resultados obtidos em cada um dos instrumentos, recorrendo-se ao teste *t* de Student (*t*) para indagar a existência de diferenças estatisticamente significativas entre os grupos de variáveis sociodemográficas (género e idade) nos resultados da EASPS e do QA. O cálculo da correlação de Pearson (*r*) permitiu averiguar o grau de associação existente entre as dimensões dos instrumentos utilizados no presente estudo, e o modelo de regressão linear simples compreender a capacidade preditora da ASPS na variável dependente (Agressão).

Capítulo 3 - Resultados

Neste capítulo são apresentados os resultados da análise estatística dos dados recolhidos. Para além da estatística descritiva dos dados, vai-se proceder à análise inferencial dos mesmos de forma a testar as hipóteses de estudo.

3.1. Estatísticas descritivas

3.1.1. Análise descritiva dos resultados da EASPS

Atentando primeiramente à EASPS, a análise descritiva dos dados (Tabela 5) permitiu concluir que no geral o mínimo-máximo verificados coincidiram ou estiveram bastante próximos dos mínimos-máximos possíveis. Considerando os valores mínimos e máximos possíveis e, visto não existirem pontos de corte estabelecidos, as medianas teóricas para as dimensões da EASPS (*facilidade de excitação* = 48, *sensibilidade estética* = 36, *limiar sensitivo baixo* = 24), é possível constatar a proeminência das dimensões *facilidade de excitação* ($M = 55.79$; $DP = 12.06$) e *limiar sensitivo baixo* ($M = 30.06$; $DP = 5.58$) do construto da ASPS na amostra em estudo, sendo que só a dimensão *sensibilidade estética* ($M = 35.21$; $DP = 9.88$) se encontra abaixo do valor da mediana teórica. No geral, 87.3% dos participantes revelaram *limiar sensitivo* baixo elevado, 73.2% revelaram uma *facilidade de excitação* elevada, e não se verificam diferenças significativas ao nível da *sensibilidade estética*. No *score* total da EASPS, a média registada ($M = 121.34$; $DP = 22.86$) encontra-se igualmente acima do valor da mediana teórica (108).

Tabela 5

Estatísticas Descritivas da EASPS

	<i>M</i>	<i>DP</i>	Min. - Max. (verificado)	Min. - Max. (possível)
<i>F1_Facilidade de excitação</i>	55.70	12.06	12-83	12-84
<i>F2_Sensibilidade estética</i>	35.21	9.88	9-62	9-63
<i>F3_Limiar sensitivo baixo</i>	30.06	5.58	6-42	6-42
Total EASPS	121.34	22.86	27-179	27-189

Analisando as respostas dos participantes aos itens da EASPS, verifica-se uma maior concordância nos itens 10 “*Sente-se profundamente tocado/a pela arte ou pela música*” ($M = 5.31$; $DP = 1.55$), com 30.1% dos participantes a responderem “*Bastante*”, no item 12 “*É consciencioso/a*” ($M = 5.40$; $DP = 1.24$), com 48.0% a responderem “*Bastante*”, no item 17 “*Esforça-se para evitar cometer erros ou esquecer-se das coisas*” ($M = 5.71$; $DP = 1.25$), com 41.8% a responderem “*Bastante*”, e no item 21 “*As mudanças na sua vida mexem consigo*” ($M = 5.32$; $DP = 1.31$), com 35.4% a responderem “*Bastante*”. Verificou-se uma menor concordância com a afirmação do item 7 “*Sente-se facilmente sobrecarregado/a por coisas como: luzes brilhantes, tecidos grosseiros/ásperos ou sirenes*” ($M = 3.25$; $DP = 1.81$), com

21.6% dos participantes a responderem “Nada”. No geral, as médias de resposta aos itens (Tabela 6) foram mais elevadas no fator *limiar sensitivo baixo* ($M = 5.01$).

Tabela 6

Médias de Resposta aos Itens dos Fatores da EASPS

Fatores da EASPS	<i>M</i>
Fator 1 - <i>Facilidade de excitação</i>	4.64
Fator 2 - <i>Sensibilidade estética</i>	3.91
Fator 3 - <i>Limiar sensitivo baixo</i>	5.01

Considerando a mediana teórica para o score total da EASPS (108), criaram-se dois grupos de comparação, sendo possível constatar que a esmagadora maioria dos participantes pontuaram acima da mediana teórica (67.9%) (Tabela 7).

Tabela 7

Frequências da EASPS

	<i>n</i> (válido)	%
Indivíduos com ASPS elevada	643	67.9%
Indivíduos com ASPS baixa	234	24.7%

3.1.2. Análise descritiva dos resultados do QA

No que concerne ao QA, no score total de agressão dos participantes a média foi de 62.48 ($DP = 16.60$). Observando os resultados obtidos nas dimensões (Tabela 8) e as respectivas medianas teóricas (*agressão física* = 27, *agressão verbal* = 15, *raiva* = 21; *hostilidade* = 24), todos os resultados se encontram abaixo da mediana teórica, sendo que mais próximo desta é a dimensão *agressão verbal* ($M = 12.13$; $DP = 3.72$). As dimensões *hostilidade* ($M = 18.59$; $DP = 6.96$), *raiva* ($M = 15.49$; $DP = 5.42$) e *agressão física* ($M = 16.25$; $DP = 5.84$), apresentam valores médios baixos, algo espectável por esta corresponder a uma variável que se espera que siga uma distribuição enviesada para o extremo positivo (Cunha & Gonçalves, 2012). Em suma, 74.6% dos participantes revelaram uma *hostilidade* baixa, 75.2% uma *agressão verbal* baixa, 81.7% uma *raiva* baixa, e 91.9% uma *agressão física* baixa.

Tabela 8

Estatísticas Descritivas do QA

	<i>M</i>	<i>DP</i>	Min. - Max. (verificado)	Min. - Max. (possível)
F1_ <i>Agressão física</i>	16.25	5.84	9-41	9-45
F2_ <i>Agressão verbal</i>	12.13	3.72	5-25	5-25
F3_ <i>Raiva</i>	15.49	5.42	7-34	7-35
F4_ <i>Hostilidade</i>	18.59	6.96	8-40	8-40
Total QA	62.48	16.60	33-122	29-145

Analisando as respostas dos participantes aos itens do QA, é possível verificar que alguns itens obtiveram médias mais elevadas, concretamente os itens 10 “Quando não estou de acordo com os meus amigos, digo-lhes abertamente” ($M = 3.67$; $DP = 1.19$), com 37.7% dos participantes a responderem “Frequente em mim”, o item 11 “Muitas vezes entro em

desacordo com as pessoas” ($M = 2.70$; $DP = 1.10$), com 34.2% a responder “*Por vezes acontece comigo*”, e o item 16 “*Quando fico frustrado/a, mostro a minha irritação*” ($M = 2.72$; $DP = 1.17$), com 32.2% a responderem “*Por vezes acontece comigo*”. Já o item 4 “*Costumo entrar em brigas mais vezes que a maioria das pessoas*” foi o que menor concordância com a afirmação apresentou ($M = 1.29$; $DP = .70$), com 80.8% dos participantes a responderem “*Muito pouco frequente em mim*”. No geral, a médias de resposta aos itens (Tabela 9) foram mais elevadas nos fatores *agressão verbal* ($M = 2.43$) e *hostilidade* ($M = 2.32$).

Tabela 9

Médias de Resposta aos Itens dos Fatores do QA

Fatores do QA	M
Fator 1 - <i>Agressão física</i>	1.81
Fator 2 - <i>Agressão verbal</i>	2.43
Fator 3 - <i>Raiva</i>	2.21
Fator 4 - <i>Hostilidade</i>	2.32

Considerando o valor da mediana teórica para o QA (87), formaram-se dois grupos de comparação, sendo possível verificar que na amostra em estudo, a agressão é reduzida (87.0%) (Tabela 10).

Tabela 10

Frequências do QA

	n (válido)	%
Agressão elevada	79	8.3%
Agressão reduzida	824	87.0%

3.2. Estatísticas inferenciais

Por forma a analisar as possíveis relações entre a ASPS e a agressão, bem como entre estas e as variáveis sociodemográficas género e idade, recorreu-se à utilização de testes *t* de Student para avaliar as diferenças nas médias entre grupos, e ao cálculo das correlações de Pearson por forma a indagar a existência de associação entre as mesmas. Por fim, e nos casos em que existiu associação entre as variáveis, recorreu-se ao modelo de regressão linear simples.

Antes de passarmos à apresentação das diferenças existentes entre os géneros, entre as idades e na agressão em função da presença de ASPS, vamos observar os resultados da análise de variância (ANOVA) unifatorial entre a variável sociodemográfica *estado marital* e o QA, recorrendo-se ao teste *Post Hoc* de Gabriel visto que o *n* de cada categoria da variável é diferente (Martins, 2011). Uma vez que a categoria “*Viúvo/a*” particamente não tinha participantes ($n = 2$), esta foi excluída da análise. Os resultados (Tabela 11) apontam para a existência de diferenças significativas ao nível da agressão em função do estado marital, $F(4,894) = 2.563$, $p = .037$, sendo que o teste *Post Hoc* de Gabriel revelou que indivíduos solteiros ou num namoro/compromisso afetivo, relatam maiores níveis de agressão ($p = .046$ e $p = .041$ respetivamente). Quando às diferenças significativas ao nível da *hostilidade* em

função do estado marital, $F(4,894) = 3.302$, $p = .011$, o teste *Post Hoc* de Gabriel revelou que indivíduos solteiros ($p = .003$) e num namoro/compromisso afetivo ($p = .031$) relatam maiores níveis de agressão face a indivíduos casados.

Tabela 11

Análise de Variância (ANOVA) Unifatorial entre o Estado Marital e o QA

	Estado Marital											<i>F</i> (4,894)	<i>p</i>
	Casado/a		Solteiro/a		Divorciado/a ou Separado/a		Unido de facto		Namoro/ compromisso afetivo				
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			
Total QA	59.00	15.98	63.21	16.94	60.03	12.55	63.32	14.54	63.68	16.91	2.563	.037*	
F1 AF	15.31	4.64	16.49	6.06	14.86	3.20	16.38	5.63	16.60	6.27	1.923	.105	
F2 AV	11.77	3.94	12.27	3.67	11.83	3.82	12.03	3.11	12.29	3.70	.701	.591	
F3 R	15.01	5.30	15.30	5.39	14.66	4.15	16.59	5.16	15.87	5.51	1.336	.255	
F4 H	16.91	6.36	19.15	6.93	18.69	6.45	18.32	6.80	18.92	7.22	3.302	.011*	

*. $p < .05$

3.2.1. Diferenças existentes entre os géneros

Atentando primeiramente ao valor do teste de Levene para a igualdade de variâncias, é possível verificar que existe homogeneidade de variâncias ($p > .05$) excetuando-se a dimensão *limiar sensitivo baixo* em que o valor obtido no teste de Levene não é significativo ($p = .044$) e portanto não se assegura o pressuposto da homogeneidade de variâncias.

Observando os resultados do teste *t* de Student, verificou-se a existência de diferenças estatisticamente significativas ao nível do *score* total da EASPS com os géneros (Tabela 12), sendo que o género feminino apresenta mais ASPS face ao género masculino ($t(866) = -7.911$, $p = .000$).

Quanto às dimensões que compõem a ASPS (Tabela 13), em todas elas o género feminino apresenta resultados mais elevados, verificando-se diferenças estatisticamente significativas ao nível da dimensão *facilidade de excitação* ($t(873) = -8.030$, $p = .000$) e *sensibilidade estética* ($t(873) = -7.347$, $p = .000$).

Na dimensão *limiar sensitivo baixo* as diferenças verificadas não são estatisticamente significativas ($t(544.295) = -1.875$, $p = .061$).

Tabela 12

Diferenças de Género no Score Total da EASPS

	Género Masculino (N=295)		Género Feminino (N=573)		<i>t</i> (866)	<i>p</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
Total EASPS	113.03	23.23	125.53	21.42	-7.911	.000**

*. $p < .001$

Tabela 13

Diferenças de Género nos Fatores da EASPS

	Género Masculino (N=297)		Género Feminino (N=578)		t (873)	p
	M	DP	M	DP		
F1_Facilidade de excitação	51.42	11.96	58.00	11.22	-8.030	.000**
F2_Sensibilidade estética	31.90	10.03	36.93	9.35	-7.349	.000**
F3_Limiar sensitivo baixo	29.61	5.86	30.37	5.26	-1.875	.061

*. $p < .001$

Relativamente à agressão, os valores do teste de Levene para a igualdade de variâncias permitem constatar a existência de homogeneidade nas variâncias ($p > .05$), excetuando-se a dimensão *raiva* que apresenta variâncias diferentes ($p = .034$).

De uma forma geral, verifica-se que no *score* total (Tabela 14), não existem diferenças estatisticamente significativas ao nível dos géneros ($t(895) = .328$; $p = .74$), sendo que a média registada no género masculino ($M = 62.48$, $DP = 16.60$) ainda que superior não apresenta uma diferença relevante quando comparada com o género feminino ($M = 62.30$, $DP = 16.83$).

Nas diferenças ao nível dos géneros nas dimensões do QA (Tabela 15), há a referir a existência de diferenças estatisticamente significativas na dimensão *agressão física* ($t(898) = 5.895$; $p = .000$), com o género masculino ($M = 17.81$, $DP = 5.89$) a apresentar um resultado proeminente quando comparado com o género feminino ($M = 15.45$, $DP = 5.60$). Na dimensão *raiva*, também se verificou uma diferença estatisticamente significativa ($t(898) = -3.264$; $p = .001$), sendo que o género feminino ($M = 15.90$, $DP = 5.53$) apresenta um resultado significativamente mais elevado do que o género masculino ($M = 14.70$, $DP = 5.08$).

Nas dimensões *agressão verbal* e *hostilidade* não se verificaram diferenças estatisticamente significativas.

Tabela 14

Diferenças de Género no Score Total do QA

	Género Masculino (N=307)		Género Feminino (N=590)		t (895)	p
	M	DP	M	DP		
Total QA	62.68	16.08	62.30	16.83	.328	.743

Tabela 15

Diferenças de Género nos Fatores do QA

	Género Masculino (N=308)		Género Feminino (N=592)		t (898)	p
	M	DP	M	DP		
F1_Agressão física	17.81	5.89	15.45	5.60	5.895	.000**
F2_Agressão verbal	12.22	3.79	12.12	3.67	.386	.699
F3_Raiva	14.70	5.08	15.90	5.53	-3.264	.001*
F4_Hostilidade	18.06	6.80	18.94	6.98	-1.822	.069

*. $p < .005$ **. $p < .001$

3.2.2. Diferenças existentes entre as idades

Observando agora as diferenças existentes entre as idades na ASPS, o teste de Levene apontou para a existência de homogeneidade nas variâncias ($p > .05$), excetuando na dimensão *limiar sensitivo baixo* ($p = .039$), em que não foi cumprido o pressuposto da homogeneidade.

É possível observar duas diferenças estatisticamente significativas (Tabela 17): na dimensão *limiar sensitivo baixo* ($t(856.955) = -3.351$; $p = .001$), em que os participantes com idades compreendidas entre os 24 e os 59 anos ($M = 30.79$, $DP = 4.959$) apresentam um valor mais elevado do que os participantes com idades compreendidas entre os 18 e os 23 anos de idade ($M = 29.55$, $DP = 5.85$); e na dimensão *facilidade de excitação* ($t(858) = 2.685$; $p = .007$), na qual os participantes com 23 ou menos anos de idade apresentam uma média ligeiramente superior ($M = 56.87$, $DP = 12.32$)

Na dimensão *sensibilidade estética* e no *score* total da EASPS, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ao nível da idade (Tabela 16 e 17).

Tabela 16

Diferenças de Idade no Score Total da EASPS

	≤ 23 anos de idade (N=455)		24-59 anos de idade (N=398)		<i>t</i>	<i>p</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
Total EASPS	121.33	23.92	121.32	21.60	.010	.992

Tabela 17

Diferenças de Idade nos Fatores da EASPS

	≤ 23 anos de idade (N=458)		24-59 anos de idade (N=402)		<i>t</i>	<i>p</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
F1_Facilidade de excitação	56.87	12.32	54.70	11.26	2.685	.007
F2_Sensibilidade estética	34.76	9.74	35.61	9.94	-1.258	.209
F3_Limiar sensitivo baixo	29.55	5.85	30.79	4.96	-3.351	.001*

*, $p < .005$

Já no que concerne à agressão, o teste de Levene aponta para existência de homogeneidade ($p > .05$), excetuando no *score* total do QA ($p = .020$) e na dimensão *agressão física* ($p = .000$) nas quais não existe homogeneidade nos grupos em análise.

Foi possível observar a existência de diferenças estatisticamente significativas (Tabela 19): na dimensão *agressão física* ($t(877.029) = 3.297$; $p = .001$), com os indivíduos com idades compreendidas entre os 18 e os 23 anos de idades a apresentarem um resultado proeminente ($M = 16.93$, $DP = 6.38$); no *score* total da agressão ($t(880.976) = 3.101$; $p = .002$), com os indivíduos com idades compreendidas entre os 18 e os 23 anos a apresentarem um resultado protuberante ($M = 64.26$, $DP = 17.43$); e uma diferença significativa na dimensão *hostilidade*

($t(884) = 2.919$; $p = .004$), em que mais uma vez os participantes com idades compreendidas entre os 18 e os 23 anos ($M = 19.37$, $DP = 7.11$) obtiveram um resultado mais elevado quando comparados com os indivíduos com idades compreendidas entre os 24 e os 59 anos de idade.

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre os fatores *agressão verbal* e *raiva* entre as médias dos dois grupos de idades.

Tabela 18

Diferenças de Idade no Score Total do QA

	≤ 23 anos de idade (N=468)		24-59 anos de idade (N=415)		<i>t</i>	<i>p</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
Total QA	64.26	17.43	60.82	15.54	3.101	.002*

*. $p < .005$

Tabela 19

Diferenças de Idade nos Fatores do QA

	≤ 23 anos de idade (N=470)		24-59 anos de idade (N=416)		<i>t</i>	<i>p</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
F1_Agressão física	16.93	6.38	15.65	5.16	3.297	.001*
F2_Agressão verbal	12.33	3.75	12.04	3.69	1.160	.247
F3_Raiva	15.79	5.63	15.22	5.16	1.541	.124
F4_Hostilidade	19.37	7.11	18.00	6.77	2.919	.004*

*. $p < .005$

Adicionalmente, limitou-se a análise estatística ao género masculino por forma a repetir o teste de diferenças e compreender até que ponto a idade influenciaria o *score* total do QA. Os resultados obtidos apontam para diferenças estatisticamente significativas entre as idades ($t(295) = 3.283$; $p = .001$), revelando que os participantes do género masculino com 23 ou menos anos de idade, apresentam um *score* mais elevado ($M = 66.15$, $DP = 16.11$)

Tabela 20

Diferenças de Idade no Género Masculino no Score Total do QA (N=297)

	≤ 23 anos de idade (N=139)		24-59 anos de idade (N=158)		<i>t</i> (295)	<i>p</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
Total QA	66.15	16.11	60.06	15.84	3.283	.001*

*. $p < .005$

3.2.3. Diferenças existentes na Agressão na presença de ASPS elevada

Procurando agora compreender as diferenças existentes na agressão, quer ao nível dos géneros, quer ao nível das idades, em indivíduos com ASPS elevada, procedeu-se à realização de alguns testes *t* de Student adicionais.

Ao nível dos géneros, e atentando primeiramente aos valores do teste de Levene, tanto as dimensões como o *score* total do QA apresentam homogeneidade ($p > .05$).

Observando os resultados dos testes *t* de Student, ao nível do *score* total do QA não se verificaram diferenças estatisticamente significativas (Tabela 21). Já ao nível das dimensões,

foi possível constatar a existência de diferenças estatisticamente significativas na *agressão física* ($t(609) = 4.159$; $p = .000$) e na *raiva* ($t(609) = -2.043$; $p = .042$). Desta forma, o gênero masculino com ASPS elevada apresenta mais *agressão física* ($M = 17.92$, $DP = 5.79$), e o gênero feminino com ASPS elevada apresenta mais *raiva* ($M = 16.42$, $DP = 5.67$), ainda que com uma diferença modesta.

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ao nível dos fatores *agressão verbal* e *hostilidade* (Tabela 22).

Tabela 21

Diferenças no Score Total do QA em Homens e Mulheres com ASPS Elevada

	Género Masculino (N=171)		Género Feminino (N=438)		<i>t</i> (609)	<i>p</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
Total QA	65.02	16.11	64.44	17.17	.384	.701

Tabela 22

Diferenças nas Formas de Agressão em Homens e Mulheres com ASPS Elevada

	Género Masculino (N=172)		Género Feminino (N=439)		<i>t</i>	<i>p</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
F1_Agressão física	17.92	5.79	15.79	5.69	4.159	.000**
F2_Agressão verbal	12.30	3.74	12.23	3.73	.201	.840
F3_Raiva	15.39	5.44	16.42	5.67	-2.043	.042*
F4_Hostilidade	19.60	7.21	20.08	7.02	-.743	.458

*. $p < .05$

**. $p < .001$

Já se atentarmos à variável sociodemográfica idade (excluindo da análise o terceiro grupo formado por participantes com idades compreendidas entre os 60 e 80 anos de idade), é possível verificar que existe homogeneidade ($p > .05$) no *score* total do QA e em todas as dimensões exceto na *agressão física* ($p = .000$).

Ao nível dos resultados dos testes *t* (Tabela 23 e 24), existem diferenças estatisticamente significativas no *score* total do QA ($t(597) = 2.458$; $p = .014$), ou seja, indivíduos com ASPS elevada e com 23 ou menos anos de idade, pontuam mais na *agressão* ($M = 66.33$; $DP = 17.59$). Observando as dimensões, é na *agressão física* ($t(598.235) = 2.541$; $p = .011$) e na *hostilidade* ($t(599) = 2.730$; $p = .007$) que se observam diferenças estatisticamente significativas, sendo que é possível concluir que indivíduos com ASPS elevada e com 23 ou menos anos de idade têm mais *agressão física* ($M = 16.97$; $DP = 6.28$) e *hostilidade* ($M = 20.72$; $DP = 6.96$).

Tabela 23

Diferenças no Score Total do QA de Acordo com a Idade em Participantes com ASPS Elevada

	<i>≤ 23 anos de idade (N=335)</i>		<i>24-59 anos de idade (N=264)</i>		<i>t (597)</i>	<i>p</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
Total QA	66.33	17.59	62.94	15.71	2.458	.014*

*. $p < .05$

Tabela 24

Diferenças nas Formas de Agressão de Acordo com a Idade em Participantes com ASPS Elevada

	<i>≤ 23 anos de idade (N=336)</i>		<i>24-59 anos de idade (N=265)</i>		<i>t</i>	<i>p</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
F1_Agressão física	16.97	6.28	15.78	5.13	2.541	.011*
F2_Agressão verbal	12.36	3.73	12.20	3.78	.541	.588
F3_Raiva	16.38	5.86	15.94	5.30	.935	.350
F4_Hostilidade	20.72	6.96	19.15	7.11	2.730	.007*

*. $p < .05$

Atentando às diferenças verificadas quer no score total do QA como nas suas dimensões, de acordo com os gêneros e restringindo a análise aos participantes com resultados superiores às medianas teóricas para as dimensões da EASPS, foi possível constatar que não existem diferenças estatisticamente significativas ao nível do score total do QA (Tabela 25).

No que concerne aos fatores do QA, os participantes do gênero masculino com ASPS revelam mais *agressão física* em todas as dimensões da EASPS quando comparado com o gênero feminino, e este por sua vez apresenta resultados estatisticamente significativos no fator *raiva* nas dimensões *facilidade de excitação* e *limiar sensitivo baixo* quando comparado com o gênero masculino (Tabela 26). Ou seja, na dimensão *facilidade de excitação*, foi possível observar a existência de diferenças estatisticamente significativas nos fatores *agressão física* ($t(659) = 4.942$; $p = .000$) e *raiva* ($t(659) = 2.541$; $p = .040$). Quanto à dimensão *sensibilidade estética*, verificaram-se diferenças na *agressão física* ($t(432) = 3.350$; $p = .001$). Por último, na dimensão *limiar sensitivo baixo*, *agressão física* ($t(783) = 5.053$; $p = .000$) e *raiva* ($t(783) = -3.170$; $p = .002$).

Tabela 25

Diferenças no Score Total do QA entre Homens e Mulheres de Acordo com Resultados Elevados nas Dimensões da EASPS

Dimensão facilidade de excitação elevada						
	Género Masculino (N=186)		Género Feminino (N=472)		t (656)	p
	M	DP	M	DP		
Total QA	65.79	15.58	64.40	16.89	.968	.333
Dimensão sensibilidade estética elevada						
	Género Masculino (N=186)		Género Feminino (N=472)		t (430)	p
	M	DP	M	DP		
Total QA	65.94	17.40	65.38	17.25	.286	.775
Dimensão limiar sensitivo baixo elevada						
	Género Masculino (N=186)		Género Feminino (N=472)		t (780)	p
	M	DP	M	DP		
Total QA	62.94	15.79	62.67	16.83	.211	.833

Tabela 26

Diferenças nas Formas de Agressão entre Homens e Mulheres de Acordo com Resultados Elevados nas Dimensões da EASPS

Dimensão facilidade de excitação elevada						
	Género Masculino (N=187)		Género Feminino (N=474)		t (659)	p
	M	DP	M	DP		
F1_Agressão física	18.18	5.71	15.76	5.66	4.942	.000***
F2_Agressão verbal	12.49	3.76	12.18	3.78	.954	.341
F3_Raiva	15.47	5.34	16.44	5.52	-2.056	.040*
F4_Hostilidade	19.83	6.75	20.17	6.87	-.579	.563
Dimensão sensibilidade estética elevada						
	Género Masculino (N=102)		Género Feminino (N=332)		t (432)	p
	M	DP	M	DP		
F1_Agressão física	18.23	6.33	15.95	5.88	3.350	.001**
F2_Agressão verbal	12.68	3.84	12.43	3.75	.568	.570
F3_Raiva	16.18	5.51	16.77	5.60	-.937	.349
F4_Hostilidade	19.19	7.40	20.32	7.08	-1.403	.161
Dimensão limiar sensitivo baixo elevada						
	Género Masculino (N=259)		Género Feminino (N=526)		t (783)	p
	M	DP	M	DP		
F1_Agressão física	17.71	5.903	15.53	5.557	5.053	.000***
F2_Agressão verbal	12.38	3.645	12.28	3.650	.378	.783
F3_Raiva	14.68	5.101	15.99	5.576	-3.170	.002**
F4_Hostilidade	18.31	6.892	19.02	7.027	-1.340	.181

*. $p < .05$

** . $p < .005$

***. $p < .001$

3.3. Relação entre a ASPS e a Agressão

Por forma a analisar a existência de relação entre a ASPS e a Agressão, estabeleceram-se as seguintes hipóteses:

H0: Não há associação entre a ASPS (score total da EASPS) e a agressão (score total do QA).

H1: Há associação entre a APSP (score total da EASPS) e a agressão (score total do QA).

Atentando ao Coeficiente de Correlação de Pearson (r) (Tabela 27), verificou-se que a ASPS está positivamente correlacionada com a agressão ($r = .257, p = .000$), sendo que maior nível de ASPS está associado a um maior nível de agressão, e vice-versa. Esta correlação tem efeitos de pequena magnitude (Cohen, 1988).

Tabela 27

Correlação entre a ASPS (Score Total da EASPS) e a Agressão (Score Total do QA) (N=828)

Agressão (QA)	ASPS (EASPS)	
	r	p
	.257**	.000

** . A correlação é significativa no nível 0.01 (bilateral).

Através da observação dos coeficientes de correlação de Pearson (r) entre a EASPS e os fatores do QA (Tabela 28), conclui-se que existe uma associação positiva entre a ASPS com os fatores *agressão verbal* ($r = .111, p = .001$), *raiva* ($r = .251, p = .000$) e *hostilidade* ($r = .354, p = .000$). Desta forma, um maior nível de ASPS está associado a um maior nível nestas dimensões da agressão, e vice-versa. As correlações verificadas nos fatores *agressão verbal* e *raiva* têm efeitos de pequena magnitude, e a correlação observada na dimensão *hostilidade* possui efeitos de moderada magnitude (Cohen, 1988).

Tabela 28

Correlação entre a ASPS (Score Total da EASPS) e os Fatores do QA (N=830)

	ASPS (EASPS)	
	r	p
Fator 1 (QA) - Agressão física	.021	.541
Fator 2 (QA) - Agressão verbal	.111**	.001
Fator 3 (QA) - Raiva	.251**	.000
Fator 4 (QA) - Hostilidade	.354**	.000

** . A correlação é significativa no nível 0.01 (bilateral).

Analisando a correlação entre os fatores da EASPS e o *score* total do QA (Tabela 29), é possível verificar a existência de correlações positivas entre os fatores *facilidade de excitação* ($r = .312, p = .000$) e *sensibilidade estética* ($r = .214, p = .000$) com a agressão. A primeira possui efeitos de moderada magnitude e, a segunda, de pequena magnitude (Cohen, 1988).

Tabela 29

Correlação entre os Fatores da EASPS e o Score Total do QA (N=835)

	Fator 1 (EASPS) - Facilidade de excitação		Fator 2 (EASPS) - Sensibilidade estética		Fator 3 (EASPS) - Limiar sensitivo baixo	
	r	p	r	p	r	p
Agressão (score total do QA)	.312**	.000	.214**	.000	.025	.473

** . A correlação é significativa no nível 0.01 (bilateral).

Tendo em conta os resultados obtidos, procurou-se então testar a existência de diferenças nesta associação em função dos géneros (Tabela 30). Os resultados obtidos permitem concluir que existe uma correlação positiva entre a ASPS e a agressão tanto no género feminino ($r =$

.301, $p = .000$) como no género masculino ($r = .217$, $p = .000$), mas que esta será maior no género feminino. Ou seja, os resultados indicam que ser do género feminino e ter ASPS elevada está associado a ter agressão elevada, e vice-versa. A correlação observada no género feminino tem efeitos de moderada magnitude e, no género masculino de pequena magnitude (Cohen, 1988).

Tabela 30

Correlação entre a ASPS (Score Total da EASPS) e a Agressão (Score Total do QA) em Função do Género

		ASPS (EASPS)		
		<i>N</i>	<i>r</i>	<i>p</i>
Agressão (QA)	Género Masculino	282	.217**	.000
	Género Feminino	544	.301**	.000

** . A correlação é significativa no nível 0.01 (bilateral).

Ao nível da idade (Tabela 31), é possível observar correlações positivas entre a ASPS e a Agressão, tanto no grupo com 23 ou menos anos de idade ($r = .237$, $p = .000$) como no grupo de 24 a 59 anos de idade ($r = .286$, $p = .000$). Ambas as correlações possuem efeitos de pequena magnitude (Cohen, 1988). Com os resultados obtidos, espera-se que indivíduos dos 24 aos 59 anos de idade e com ASPS elevada possuam agressão elevada, e vice-versa.

Tabela 31

Correlação entre a ASPS (Score Total da EASPS) e a Agressão (Score Total do QA) em Função da Idade

		ASPS (EASPS)		
		<i>N</i>	<i>r</i>	<i>p</i>
Agressão (QA)	23 ou menos anos de idade	438	.237**	.000
	Dos 24 aos 59 anos de idade	374	.286**	.000

** . A correlação é significativa no nível 0.01 (bilateral).

Uma vez que se verificou associação entre a ASPS e a agressão, procedeu-se à observação das relações entre os fatores que compõem a EASPS e o QA (Tabela 32), e foi possível constatar a existência de correlações positivas e significativas entre: a *hostilidade* (QA) e a *facilidade de excitação* (EASPS) ($r = .465$, $p = .000$), com um efeito de moderada magnitude (Cohen, 1988); a *hostilidade* (QA) e a *sensibilidade estética* (EASPS) ($r = .256$, $p = .000$) com um efeito de pequena magnitude (Cohen, 1988); a *raiva* (QA) e a *facilidade de excitação* (EASPS) ($r = .278$, $p = .000$) com um efeito de pequena magnitude (Cohen, 1988); a *raiva* (QA) e a *sensibilidade estética* (EASPS) ($r = .239$, $p = .000$) com um efeito de pequena magnitude (Cohen, 1988); e a *agressão verbal* (QA) e o *limiar sensitivo baixo* (EASPS) ($r = .142$, $p = .000$) com um efeito de pequena magnitude (Cohen, 1988).

Foi possível observar a existência de significância nas associações entre a *agressão verbal* (QA) e a *facilidade de excitação* (EASPS) ($r = .074$, $p = .033$) e entre a primeira e a

sensibilidade estética e ($r = .088$, $p = .011$), mas que só é significativa ao nível de $p < .05$, sendo que não se verifica um efeito de magnitude relevante nestas associações.

Tabela 32

Correlação entre os Fatores da EASPS e os Fatores do QA (N=837)

	Fator 1 (EASPS) - Facilidade de excitação		Fator 2 (EASPS) - Sensibilidade estética		Fator 3 (EASPS) - Limiar sensitivo baixo	
	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>
Fator 1 (QA) - <i>Agressão física</i>	.040	.246	.043	.210	-.058	.096
Fator 2 (QA) - <i>Agressão verbal</i>	.074*	.033	.088*	.011	.142**	.000
Fator 3 (QA) - <i>Raiva</i>	.278**	.000	.239**	.000	.017	.615
Fator 4 (QA) - <i>Hostilidade</i>	.465**	.000	.256**	.000	.019	.589

** . A correlação é significativa no nível 0.01 (bilateral).

* . A correlação é significativa ao nível 0.05 (bilateral).

Sintetizando, importa destacar como as relações verificadas entre os fatores do QA *hostilidade* e *raiva* com os fatores da EASPS *facilidade de excitação* e *sensibilidade estética*. Ou seja, espera-se que quanto maiores os níveis observados nos fatores referidos do QA, maiores serão os níveis observados nos fatores da EASPS e vice-versa.

Desta forma, constata-se a associação entre as variáveis em estudo e torna-se necessário averiguar a capacidade explicativa da variável preditora, recorrendo-se ao modelo da regressão linear simples para que tal seja concretizável. Ou seja, recorreu-se à regressão linear simples para compreender de que forma a ASPS e os respetivos fatores estão a influenciar a Agressão e os seus respetivos fatores.

Analisando os resultados da regressão linear simples, referentes aos *scores* totais da EASPS e do QA (Tabelas 33 e 34), foi possível observar que ter ASPS prevê a agressão, $F(1,826) = 58.478$, $p = .000$; $R^2 = .066$, ou seja, que 6.6% da variância no *score* total do QA pode ser atribuída à presença do traço ASPS ($B = .257$, $p = .000$).

Tabela 33

Modelo de Regressão Linear Simples sobre a ASPS (Score Total) e a Agressão (Score Total) (N=828, $r = .257$, $p = .000$)

	R	R ²	F (1, 826)	<i>p</i>
Modelo	.257	.066	58.478	.000**

** . $p < .001$

a. Variável Dependente: QA

b. Preditores: EASPS

Tabela 34

Regressão Linear Simples Relativa à Associação entre a ASPS (Score Total) e a Agressão (Score Total) (N=828)

	<i>B</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
EASPS	.257	.647	.000**

** . $p < .001$

De acordo com os coeficientes de correlação de Pearson (r) obtidos nos resultados já apresentados, procedeu-se à elaboração da regressão linear simples para as variáveis que apresentaram associações positivas entre si e com efeitos de moderada magnitude. Analisando os resultados da regressão linear simples referentes à dimensão *facilidade de excitação* (EASPS) e o fator *hostilidade* (QA) (Tabelas 35 e 36), parece a *facilidade de excitação* prediz a *hostilidade*, $F(1,896) = 247.660$, $p = .000$; $R^2 = .217$, ou seja, que 21.7% da variância na *hostilidade* (QA) pode ser atribuída à presença da *facilidade de excitação* (EASPS) ($B = .269$, $p = .000$).

Tabela 35

Modelo de Regressão Linear Simples sobre a Facilidade de Excitação (EASPS) e a Hostilidade (QA) (N=898, $r = .465$, $p = .000$)

	R	R ²	F (1, 896)	p
Modelo	.465	.217	247.660	.000**

** . $p < .001$

a. Variável Dependente: QA_F4_H

b. Preditores: EASPS_F1_FE

Tabela 36

Regressão Linear Simples Relativa à Associação entre a Facilidade de Excitação (EASPS) e a Hostilidade (QA) (N=898)

	B	t	p
F1_Facilidade de excitação	.269	15.737	.000**

** . $p < .001$

Atentando agora aos resultados da regressão linear simples referentes ao score total da EASPS e ao fator *hostilidade* (QA) (Tabelas 37 e 38), parece a ASPS (EASPS) prediz a *hostilidade* (QA), $F(1,853) = 124.245$, $p = .000$; $R^2 = .127$, ou seja, que 12.7% da variância na *hostilidade* (QA) pode ser atribuída à presença da ASPS (EASPS) ($B = .357$, $p = .000$).

Tabela 37

Modelo de Regressão Linear Simples sobre o Score Total da EASPS e a Hostilidade (QA) (N=855, $r = .357$, $p = .000$)

	R	R ²	F (1, 853)	p
Modelo	.357	.127	124.245	.000**

** . $p < .001$

a. Variável Dependente: QA_F4_H

b. Preditores: EASPS

Tabela 38

Regressão Linear Simples Relativa à Associação entre o Score Total da EASPS e a Hostilidade (QA) (N=855)

	B	t	p
EASPS	.357	11.147	.000**

** . $p < .001$

No que concerne aos resultados da regressão linear simples referentes à dimensão *facilidade de excitação* (EASPS) e o *score* total do QA (Tabelas 39 e 40), parece a *facilidade de excitação* (EASPS) prediz a agressão (*score* total do QA), $F(1,868) = 91.842$, $p = .000$; $R^2 = .096$, ou seja, que 9.6% da variância da agressão (*score* total do QA) pode ser atribuída à presença da *facilidade de excitação* (EASPS) ($B = .309$, $p = .000$).

Tabela 39

Modelo de Regressão Linear Simples sobre a Facilidade de Excitação (EASPS) e o Score Total do QA (N=870, $r = .309$, $p = .000$)

	R	R ²	F (1, 868)	p
Modelo	.309	.096	91.842	.000**

** . $p < .001$

a. Variável Dependente: QA

b. Preditores: EASPS_F1_FE

Tabela 40

Regressão Linear Simples Relativa à Associação entre a Facilidade de Excitação (EASPS) e o Score Total do QA (N=870)

	B	t	p
F1_Facilidade de excitação	.309	9.583	.000**

** . $p < .001$

No que concerne aos resultados da regressão entre os *scores* totais da EASPS e do QA em função do género, cingiu-se primeiramente a análise aos participantes do género feminino (que apresentou uma correlação com efeitos de moderada magnitude), e a regressão linear simples (Tabelas 41 e 42) permitiu concluir que a ASPS (*score* total da EASPS) prediz a agressão (*score* total do QA), $F(1,542) = 53.912$, $p = .000$; $R^2 = .090$, ou seja, que 9% da variância da agressão (*score* total do QA) no género feminino pode ser atribuída à presença da ASPS (*score* total da EASPS) ($B = .301$, $p = .000$).

Tabela 41

Modelo de Regressão Linear Simples sobre os Scores Totais da EASPS e do QA no Género Feminino (N=544, $r = .301$, $p = .000$)

	R	R ²	F (1, 542)	p
Modelo	.301	.090	53.912	.000**

** . $p < .001$

a. Variável Dependente: QA

b. Preditores: EASPS

Tabela 42

Regressão Linear Simples Relativa à Associação entre os Scores Totais da EASPS e do QA no Género Feminino (N=544)

	B	t	p
EASPS	.301	7.342	.000**

** . $p < .001$

Posteriormente, cingiu-se a análise ao género masculino (Tabelas 43 e 44), e verificou-se que a ASPS (score total da EASPS) prediz a agressão (score total do QA), $F(1,280) = 13.774$, $p = .000$; $R^2 = .047$, ou seja, que 4.7% da variância da agressão (score total do QA) no género masculino pode ser atribuída à presença da ASPS (score total da EASPS) ($B = .217$, $p = .000$).

Tabela 43

Modelo de Regressão Linear Simples sobre os Scores Totais da EASPS e do QA no Género Masculino (N=282, $r = .217$, $p = .000$)

	R	R ²	F (1, 280)	p
Modelo	.217	.047	13.774	.000**

** . $p < .001$

a. Variável Dependente: QA

b. Preditores: EASPS

Tabela 44

Regressão Linear Simples Relativa à Associação entre os Scores Totais da EASPS e do QA no Género Masculino (N=282)

	B	t	p
EASPS	.217	3.711	.000**

** . $p < .001$

Por último, atentando aos resultados da regressão entre os scores totais da EASPS e do QA em função da idade, cingiu-se primeiramente a análise aos participantes com 23 ou menos anos de idade, sendo que a regressão linear simples (Tabelas 45 e 46) permitiu concluir que a ASPS (score total da EASPS) prediz a agressão (score total do QA), $F(1,436) = 25.905$, $p = .000$; $R^2 = .056$, ou seja, que 5.6% da variância da agressão (score total do QA) nos participantes com 23 ou menos anos de idade pode ser atribuída à presença da ASPS (score total da EASPS) ($B = .237$, $p = .000$).

Tabela 45

Modelo de Regressão Linear Simples sobre os Scores Totais da EASPS e do QA nos Participantes com 23 ou menos anos de Idade (N=438, $r = .237$, $p = .000$)

	R	R ²	F (1, 436)	p
Modelo	.237	.056	25.905	.000**

** . $p < .001$

a. Variável Dependente: QA

b. Preditores: EASPS

Tabela 46

Regressão Linear Simples Relativa à Associação entre os Scores Totais da EASPS e do QA nos Participantes com 23 ou menos anos de Idade (N=438)

	B	t	p
EASPS	.237	5.090	.000**

** . $p < .001$

Seguidamente, cingiu-se a análise aos participantes com idades compreendidas entre os 24 e os 59 anos de idade (Tabelas 47 e 48), e verificou-se que a ASPS (score total da EASPS) prediz a agressão (score total do QA), $F(1,372) = 33.166$, $p = .000$; $R^2 = .082$, ou seja, que 8.2% da variância da agressão (score total do QA) nos participantes com idades compreendidas entre os 24 e os 59 anos de idade pode ser atribuída à presença da ASPS (score total da EASPS) ($B = .286$, $p = .000$).

Tabela 47

Modelo de Regressão Linear Simples sobre os Scores Totais da EASPS e do QA nos Participantes com Idades Compreendidas entre os 24 e 59 anos de Idade (N=374, $r = .286$, $p = .000$)

	R	R ²	F (1, 372)	p
Modelo	.286	.082	33.166	.000**

** . $p < .001$

a. Variável Dependente: QA

b. Preditores: EASPS

Tabela 48

Regressão Linear Simples Relativa à Associação entre os Scores Totais da EASPS e do QA nos Participantes com Idades Compreendidas entre os 24 e 59 anos de Idade (N=374)

	B	t	p
EASPS	.286	5.759	.000**

** . $p < .001$

Capítulo 4 - Discussão dos resultados

A presente investigação procurou conhecer as manifestações de agressão em indivíduos com ASPS, verificando se existiriam uma associação entre estas duas variáveis. Simultaneamente, indagou-se se existiriam alterações nesta relação em função das variáveis sociodemográficas género e idade, ou seja, se alguma delas pareceria facilitar a passagem ao ato. Desta forma, o presente capítulo destina-se a discutir os resultados estatísticos obtidos, contrapondo-os sempre que possível com a literatura, sendo ainda apresentadas as limitações, a conclusão e sugestões para investigações futuras.

Importa desde já avançar que ao considerar as variáveis sociodemográficas género e idade nas diferentes análises estatísticas, foi possível confirmar a existência de diferenças estatisticamente significativas em função delas, bem como que estas variáveis influenciam a capacidade explicativa da própria ASPS, traduzindo-se em valores de variância diferentes quando se considera quer o género feminino ou o género masculino, quer o grupo dos 18 aos 23 anos de idade ou o grupo dos 24 aos 59 anos de idade. Estes resultados vão ser alvo de particular atenção mais à frente.

Atentando primeiramente à EASPS, e concretamente à **hipótese 1**, a análise fatorial exploratória permitiu validar a estrutura tridimensional da escala, incluindo três fatores: (1) *facilidade de excitação*, (2) *sensibilidade estética*, e (3) *limiar sensitivo baixo*. A confiabilidade da escala foi razoável na dimensão *limiar sensitivo baixo*, e boa nas restantes dimensões e *score* total. Os resultados estão de acordo com a revisão da literatura que tem vindo a demonstrar que a estrutura unidimensional proposta por Aron e Aron (1997) não é a mais adequada para analisar a ASPS (e.g. Smolewska et al., 2006).

No que concerne à análise descritiva dos resultados da EASPS, e considerando os valores das medianas teóricas visto não existirem pontos de corte estabelecidos para a população portuguesa, verificou-se que 67.9% dos participantes têm ASPS, 73.2% pontuam elevado na dimensão *facilidade de excitação* e 87.3% na dimensão *limiar sensitivo baixo*, sendo que as médias de resposta aos itens apresentam uma média de concordância mais elevada nos itens 10 “*Sente-se profundamente tocado/a pela arte ou pela música*” e 12 “*É consciencioso/a*” (ambos pertencentes à dimensão *limiar sensitivo baixo*) e nos itens 17 “*Esforça-se para evitar cometer erros ou esquecer-se das coisas*” e 21 “*As mudanças na sua vida mexem consigo*” (da dimensão *facilidade de excitação*). O item com menor média de concordância com a afirmação, foi o item 7 “*Sente-se facilmente sobrecarregado/a por coisas como: luzes brilhantes, tecidos grosseiros/ásperos ou sirenes*” da dimensão *sensibilidade estética*.

Tendo em consideração a **hipótese 2**, os resultados obtidos corroboram os de outros estudos, apontando para a existência de *scores* mais elevados no género feminino, excetuando-se a dimensão *limiar sensitivo baixo*. Tal está de acordo com a literatura, visto que vários são os estudos que têm indicado *scores* mais elevados de ASPS no género feminino (e.g. Aron & Aron, 1997; Benham, 2006; Konrad & Herzberg, 2017). Todavia, esta interpretação deve ser cautelosa, visto não estar isenta do possível efeito negativo de desejabilidade social e da influência cultural (Aron & Aron, 1997).

Relativamente à variável sociodemográfica idade, verificam-se diferenças estatisticamente significativas nas dimensões *facilidade de excitação*, com os participantes com 23 ou menos anos de idade a obter uma média mais elevada, e *limiar sensitivo baixo*, com os participantes com idades compreendidas entre os 24 e os 59 anos a pontuarem mais alto. Não existe suporte teórico que permita compreender o porquê destes resultados, mas sabendo-se que a *facilidade de excitação* remete para uma sobrecarga mental decorrente de estimulação interna e/ou externa (Smolewska et al., 2006), sendo espectável que valores mais elevados se encontrem na faixa etária dos 18 aos 23 anos, visto ser nesta altura que os jovens ingressam no Ensino Superior, situação que implica frequentemente a mudança de local de residência e conduz à vivência de novas experiências (Gonçalves, 2012), implicando tendencialmente um maior processamento de estimulação sensorial. Por sua vez, o resultado na dimensão *limiar sensitivo baixo*, que remete para um *arousal* desagradável e resultante de estimulação externa (Smolewska et al., 2006), não possui suporte teórico que permita analisar os resultados obtidos.

Observando agora os resultados obtidos na análise descritiva do QA, estes indicam que somente 8.3% dos participantes pontuaram elevado no *score* total de agressão, sendo que em todos os fatores os resultados continuaram a seguir uma distribuição enviesada, o que é expectável de se verificar visto tratar-se de um comportamento frequentemente recriminado e que idealmente não se verifica na maioria da população. Observando as percentagens, é possível verificar que 91.9% dos participantes pontuou baixo na *agressão física*, 23.8% pontuou elevado na *agressão verbal* e 23.9% pontuou elevado na *hostilidade*. No que concerne à agressão física, poderá existir influência do efeito de desejabilidade social nas respostas, visto esta ser a forma de agressão tendencialmente encarada como a mais grave e reprovável, sendo que 80.8% dos inquiridos responderam “*Muito pouco frequente em mim*” ao item 4 “*Costumo entrar em brigas mais vezes que a maioria das pessoas*”. Este item não valida a noção de agressão como uma resposta reativa, o que pode levar os participantes a responderem negativamente.

Analisando as diferenças na Agressão em função dos géneros, não se verificam diferenças estatisticamente significativas no *score* total do QA, no fator *agressão verbal* e no fator *hostilidade*. A **hipótese 3** confirma-se, com o género masculino a apresentar maiores níveis de *agressão física* face ao género feminino, resultados em concordância com a literatura

(Björkqvist, 2017; Buss & Perry, 1992). Tal pode decorrer quer da tendência do género feminino para internalizar os comportamentos agressivos, como pode dever-se à maior recriminação face à existência de atos de *agressão física* no género feminino, contrariamente ao que se verifica no género masculino em que a *agressão física* é encarada como símbolo de masculinidade e relativamente normalizada culturalmente (Archer, 2004). O género feminino por sua vez, apresenta maiores níveis de *raiva*, tal como a **hipótese 5** previa, mas não de *hostilidade* como a **hipótese 4** sugeria. O resultado mais elevado no fator *raiva*, ainda que em desacordo com os resultados de Buss e Perry (1992), está de acordo com os resultados avançados por Cunha e Gonçalves (2012) no estudo realizado numa amostra portuguesa.

Contrapondo os resultados obtidos no QA com os obtidos por Cunha e Gonçalves (2012), constata-se que a média registada no género masculino é mais baixa do que a referida pelos autores ($M = 62.48$, $DP = 16.596$ face a $M = 65.33$, $DP = 14.19$), mas ligeiramente superior no género feminino ($M = 62.30$, $DP = 16.826$ face a $M = 61.81$, $DP = 14.11$), sendo que no geral as diferenças encontradas não se revelam significativas. Existem três possíveis explicações para as diferenças encontradas: (1) o facto de o presente estudo dispor de uma amostra com idades compreendidas entre os 18 e os 80 anos de idade; (2) a maior dimensão da amostra na presente investigação; e (3) o facto de a amostra no estudo de Cunha e Gonçalves (2012) se ter cingido a estudantes universitários.

Quanto à variável sociodemográfica idade, verifica-se que existem diferenças estatisticamente significativas no *score* total do QA, no fator *agressão física* e no fator *hostilidade*, todos eles com os participantes com 23 ou menos anos de idade a apresentar médias mais elevadas. Através da limitação da análise ao género masculino, por forma a testar a **hipótese 6**, confirmou-se o resultado proeminente nos participantes com 23 ou menos anos de idade avançado pelo suporte teórico (e.g. Björkqvist, 2017; Morsünbül, 2015; Myers & Twenge, 2017).

Adicionalmente, procurou-se compreender se existiam diferenças significativas ao nível da agressão em função do estado marital, sendo possível concluir que indivíduos solteiros e num namoro ou compromisso afetivo apresentam *scores* totais no QA de *hostilidade* mais elevados. Ao nível da agressão no namoro, já Straus (2004) na sua investigação havia revelado a existência de elevados níveis de agressão, sobretudo física, em estudantes universitários nos compromissos afetivos estabelecidos.

Atentando agora às associações encontradas entre a Agressão e a ASPS, os resultados apontaram para uma correlação positiva com efeitos de pequena magnitude, tal como apontado na **hipótese 7**, sugerindo que resultados mais elevados na ASPS estão associados a resultados mais elevados na Agressão (Konrad & Herzberg, 2017).

A **hipótese 8** confirma-se, com uma associação positiva entre a dimensão *facilidade de excitação* e o fator *hostilidade*, ainda que seja relevante referir outra associação positiva,

concretamente com o fator *raiva*. No que concerne aos resultados relativos à dimensão *facilidade de excitação*, já Ahadi e Basharpour (2010) haviam sugerido que esta dimensão estaria associada a maiores níveis de *stress*, verificando-se uma interferência no normal e positivo funcionamento social destes indivíduos, e também Konrad e Herzberg (2017) obtiveram uma associação positiva entre a dimensão *facilidade de excitação* e o fator *hostilidade*.

Já em relação à **hipótese 9**, não se verifica associação entre a dimensão *limiar sensitivo baixo* e a *agressão*, verificando-se associação positiva entre a *agressão* e as dimensões *facilidade de excitação* e a dimensão *sensibilidade estética*. O resultado relativo à associação entre a dimensão *limiar sensitivo baixo* e a *agressão*, não se encontra de acordo com a literatura, visto que era expectável que esta dimensão, por remeter para um *arousal* desagradável resultante de estímulos internos e externos, estivesse positivamente associada com a *agressão*. Já a associação positiva entre a *sensibilidade estética* e a *agressão*, não era expectável visto que indivíduos com *scores* elevados nesta dimensão, são mais introspectivos (Ahadi & Basharpour, 2010). Observando a associação entre o *score* total da EASPS e o fator *raiva* do QA, esta é positiva, estando os resultados de acordo com a **hipótese 10** (e.g. Engel-Yeger & Dunn, 2011; Meyer et al., 2005), mas sendo igualmente relevante a associação positiva verificada entre a EASPS e os fatores *hostilidade* e *agressão verbal*.

Analisando as diferenças nas formas de *agressão* entre os géneros, e em função da presença de resultados elevados nas dimensões da EASPS, foi possível constatar que o género masculino revela possuir *scores* mais elevados de *agressão física* nas três dimensões da EASPS. O género feminino, por sua vez, apresenta médias mais elevadas no fator *raiva* associado às dimensões *facilidade de excitação* e *limiar sensitivo baixo*.

Por último, analisando a capacidade explicativa da ASPS, os resultados indicam que: (1) 6.6% da variância no *score* total do QA pode ser atribuída à ASPS; (2) 9% da variância da *agressão* no género feminino pode ser atribuída à presença de ASPS; (3) 4.7% da variância da *agressão* no género masculino pode ser atribuída à presença de ASPS; (4) 21.7% da variância na dimensão *hostilidade* (QA) pode ser atribuída à presença da dimensão *facilidade de excitação* (EASPS); (5) 12.7% da variância na *hostilidade* (QA) pode ser atribuída à presença da ASPS; (6) 9.6% da variância da *agressão* pode ser atribuída à presença da dimensão *facilidade de excitação* (EASPS); (7) 5.6% da variância da *agressão* nos participantes com 23 ou menos anos de idade pode ser atribuída à presença de ASPS; e (8) 8.2% da variância da *agressão* nos participantes com idades compreendidas entre os 24 e os 59 anos de idade pode ser atribuída à presença de ASPS. Desta forma, ao considerarmos o género e a idade, ambas as variáveis sociodemográficas apresentam explicações de variância diferentes para a *agressão*, confirmando-se não só a existência de diferenças significativas nos resultados obtidos, bem como correlações positivas entre a ASPS e a *agressão* em função delas.

Conclusão

A ASPS, transversal a todas as espécies, é um traço temperamental recente, sendo notória a carência de investigações que a analisem e permitam densificar os conhecimentos que se detêm a seu respeito. Dado ser um traço que tende a estar presente numa pequena parte dos indivíduos, e que é classificado como uma vantagem evolutiva, importa aprofundar o seu estudo e compreender de que forma se relaciona com outras variáveis psicossociais, bem como de que forma se pode potenciar esta vantagem através da intervenção psicológica.

Os indivíduos com ASPS, tendem a possuir determinadas características, quatro delas fulcrais: (1) a sensibilidade, (2) a reatividade, (3) a flexibilidade e (4) a capacidade de resposta (Aron & Aron, 1997; Booth et al., 2015; Lionetti et al., 2018). Adicionalmente, estes indivíduos apresentam uma tendência para “parar antes de agir”, recorrem frequentemente a experiências prévias quando expostos a novas situações, têm uma reatividade emocional exacerbada e são bastante empáticos e conscienciosos.

Este é um traço bastante associado ao afeto negativo, sendo que várias investigações apontam para o papel preponderante que a infância, concretamente o suporte parental, desempenham na predição de bem-estar e maturação adequada destes indivíduos (Aron et al., 2005; Bakker & Moulding, 2012; Liss et al., 2005). Na presente investigação tal não foi possível de analisar, todavia assume-se como uma necessidade uma vez que permitirá um melhor delineamento de possíveis programas de intervenção psicológica a implementar logo que se detete a presença deste traço na criança e, desta forma, garantir o seu normal e adequado desenvolvimento.

De acordo com os resultados da presente investigação e que foram anteriormente apresentados, de uma forma muito geral verificou-se que: (1) maiores níveis de ASPS estão associados a maiores níveis de agressão, concretamente no género feminino e nos participantes com idades compreendidas entre os 24 e os 59 anos de idade; (2) maiores níveis de ASPS estão associados a maiores níveis de *hostilidade* (QA); e que (3) maiores níveis de *facilidade de excitação* (EASPS) estão associados a maiores níveis de agressão (*score* total do QA) e de *hostilidade* (QA).

Tendo em conta os elevados *scores* de ASPS encontrados na amostra da presente investigação, bem como a associação positiva entre a ASPS e a agressão, é relevante aprofundar o estudo dos comportamentos externalizados nestes indivíduos, bem como delinear e testar a eficácia de estratégias de intervenção psicológica que dotem estes indivíduos de ferramentas úteis e que lhes permitam evitar a passagem ao ato. Adicionalmente, e visto que vários estudos têm associado este traço a afetos negativos, concretamente Ahadi e Basharpour (2010) que referem a existência de associação entre a dimensão *limiar sensitivo baixo* e uma reduzida

saúde mental, torna-se fulcral assegurar um acompanhamento psicológico sempre que entendido por oportuno.

Limitações e sugestões para investigações futuras

Não existem investigações perfeitas visto que a Ciência se encontra em constante evolução. Como tal, o presente estudo não é exceção à regra, e ainda que seja um dos primeiros a debruçar-se sobre a ASPS e a Agressão no contexto português, não deixa de ter limitações a apontar e sugestões para investigações futuras.

Começando pelas limitações, a mais proeminente é a considerável falta de suporte empírico. Para além da reduzida quantidade de estudos que atentem à ASPS, existem ainda menos que a relacionem com outras variáveis psicossociais, concretamente com a agressão. Esta carência, que se agrava no contexto português, alerta para a necessidade de desenvolver investigações que se centrem na ASPS, sendo que com base na revisão da literatura efetuada se podem sugerir temas como: (1) a ASPS em crianças (Aron, 2002; Pluess & Boniwell, 2015); (2) a ASPS e a perceção de suporte social, dada a dificuldade dos indivíduos com ASPS em estabelecerem relações pouco significativas, o que pode limitar a rede de suporte que possuem (Aron, 2002); (3) a ASPS e os afetos, recorrendo por exemplo ao Positive and Negative Affect Schedule (PANAS, Watson, Clark, & Tellegen, 1988) (Sobocko & Zelenski, 2015); (4) a ASPS e o NEO-PI-R, por forma a averiguar se também no contexto português se verifica uma relação positiva entre a dimensão *facilidade de excitação* (EASPS) e o neuroticismo (Ahadi & Basharpour, 2010; Grimen & Diseth, 2016; Smolewska et al., 2006; Sobocko & Zelenski, 2015); (5) a ASPS e a saúde mental, tendo em linha de conta que várias investigações têm vindo a correlacionar a ASPS e a Perturbação Depressiva (e.g. Ahadi & Basharpour, 2010; Pluess & Boniwell, 2015; Yano & Oishi, 2018), sendo este um tema igualmente interessante de ser desenvolvido no contexto nacional.

Esta lacuna no suporte teórico, é significativa, sendo que como as dimensões da EASPS não estão claramente definidas e teorizadas, complica o processo de análise dos resultados obtidos. Assume-se como pertinente que em futuras investigações se procure clarificar em que consiste cada uma das dimensões da EASPS.

Adicionalmente, a considerável extensão do protocolo e o efeito de desejabilidade social que poderá estar presente nas respostas ao QA, obriga-nos a considerar o possível enviesamento de algumas respostas e a proceder a uma cautelosa generalização dos resultados obtidos.

Referências Bibliográficas

- Acevedo, B. P., Aron, E. N., Aron, A., Sangster, M., Collins, N., & Brown, L. L. (2014). The highly sensitive brain: an fMRI study of sensory processing sensitivity and response to others' emotions. *Brain and Behavior*, 4(4), 580-594. doi:10.1002/brb3.242
- Acevedo, B., Aron, E., Pospos, S., & Jessen, D. (2018). The functional highly sensitive brain: A review of the brain circuits underlying sensory processing sensitivity and seemingly related disorders. *Philosophical Transactions Royal Society B*, 373(1744), 1-5 doi:10.1098/rstb.2017.0161
- Ahadi, B., & Basharpour, S. (2010). Relationship between sensory processing sensitivity, personality dimensions and mental health. *Journal of Applied Sciences*, 10(7), 570-574. doi:10.3923/jas.2010.570.574
- Allen, J. J., & Anderson, C. A. (2017a). Aggression and violence: Definitions and distinctions. In P. Sturme (Ed.), *The Wiley Handbook of Violence and Aggression* (pp. 1-14). John Wiley & Sons.
- Allen, J. J., & Anderson, C. A. (2017b). General aggression model. In P. Roessler, C. A. Hoffner, & L. Zoonen (Eds.), *The International Encyclopedia of Media Effects*. John Wiley & Sons.
- Allen, J. J., Anderson, C. A., & Bushmann, B. J. (2018). The general aggression model. *Current Opinion in Psychology*, 19, 75-80. doi:10.1016/j.copsyc.2017.03.034
- Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (2002). Human aggression. *Annual Review of Psychology*, 53, 27-51. doi:10.1146/annurev.psych.53.100901.135231
- Archer, J. (2004). Sex differences in aggression in real-world settings: A meta-analytic review. *Review of General Psychology*, 8(4), 291-322. doi:10.1037/1089-2680.8.4.291
- Aron, A., Ketay, S., Hedden, T., Aron, E. N., Markus, H. R., & Gabrieli, J. D. E. (2010). Temperament trait of sensory processing sensitivity moderates cultural differences in neural response. *Social Cognitive and Affective Neuroscience*, 5(2-3), 219-226. doi:10.1093/scan/nsq028
- Aron, E. N. (2002). *The highly sensitive child*. Broadway Books: New York.
- Aron, E. N., & Aron, A. (1997). Sensory-Processing Sensitivity and Its Relation to Introversion and Emotionality. *Journal of Personality and Social Psychology*, 73 (2), 345-368.
- Aron, E. N., Aron, A., & Davies, K. M. (2005). Adult shyness: The interaction of temperamental sensitivity and an adverse childhood environment. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 31(2), 181-197. doi: 10.1177/0146167204271419
- Aron, E. N., Aron, A., & Jagiellowicz, J. (2012). Sensory Processing Sensitivity: A Review in the Light of the Evolution of Biological Responsivity. *Personality and Social Psychology Review*, 20(10), 1-21. doi:10.1177/1088868311434213

- Bakker, K. & Moulding, R. (2012). Sensory-processing sensitivity, dispositional mindfulness and negative psychological symptoms. *Personality and Individual Differences*, 53(3), 341-346. doi:10.1016/j.paid.2012.04.006
- Benham, G. (2006). The highly sensitive person: Stress and physical symptom reports. *Personality and Individual Differences*, 40, 1433-1440. doi:10.1016/j.paid.2005.11.021
- Berkowitz, L. (1989). Frustration-aggression hypothesis: Examination and reformulation. *Psychological Bulletin*, 106(1), 59-73. doi:10.1037/0033-2909.106.1.59
- Björkqvist, K. (2017). Gender differences in aggression. *Current Opinion in Psychology*, 19, 39-42. doi:10.1016/j.copsyc.2017.03.030
- Booth, C., Standage, H., & Fox, E. (2015). Sensory-processing sensitivity moderates the association between childhood experiences and adult life satisfaction. *Personality and Individual Differences*, 87, 24-29. doi:10.1016/j.paid.2015.07.020
- Brindle, K., Moulding, R., Bakker, K., & Nedeljkovic, M. (2015). Is the relationship between sensory-processing sensitivity and negative affect mediated by emotional regulation? *Australian Journal of Psychology*, 67(4), 214-221. doi:10.1111/ajpy.12084
- Bushman, B. J., & Anderson, C. A. (2001). Is it time to pull the plug on the hostile versus instrumental aggression dichotomy? *Psychological Review*, 108(1), 273-279. doi:10.1037//0033-295X.108.1.273
- Buss, A. H., & Perry, M. (1992). The Aggression Questionnaire. *Journal of Personality and Social Psychology*, 63(3), 452-459.
- Cater, K. (2016). Small shifts, big changes: changing the story for students with Sensory Processing Sensitivity (SPS). *International Journal for Transformative Research*, 3(2), 24-31. doi:10.1515/ijtr-2016-0010
- Cavalcanti, J. G., & Pimentel, C. E. (2016). Personality and aggression: A contribution of the general aggression model. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 33(3), 443-451. doi:10.1590/1982-02752016000300008
- Costa, B. (2013). *Perfis Psicocriminais - Do Estripador de Lisboa ao Profiler*. Lisboa: LIDEL/PACTOR.
- Cunha, O., & Gonçalves, R. A. (2012). Análise confirmatória fatorial de uma versão portuguesa do Questionário de Agressividade de Buss-Perry. *Laboratório de Psicologia*, 10(1), 3-17.
- Dodge, K. A., Malone, P. S., Lansford, J. E., Sorbring, E., Skinner, A. T., Tapanya, S., ... Pastorelli, C. (2015). Hostile attributional bias and aggressive behavior in global context. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the USA*, 112(30), 9310-9315. doi:10.1073/pnas.1418572112
- Ellis, B. J., & Boyce, W. T. (2008). Biological sensitivity to context. *Current Directions in Psychological Science*, 17(3), 183-187. doi:10.1111/j.1467-8721.2008.00571.x

- Engel-Yger, B., & Dunn, W. (2011). Exploring the relationship between affect and sensory processing patterns in adults. *British Journal of Occupational Therapy*, 74(10), 456-464. doi:10.4276/030802211X13182481841868
- Evans, D. E., & Rothbart, M. K. (2008). Temperamental sensitivity: Two constructs or one? *Personality and Individual Differences*, 44, 108-118. doi:10.1016/j.paid.2007.07.016
- Gonçalves, R. A. (2000). Delinquência, crime e adaptação à prisão. Coimbra: Quarteto.
- Gonçalves, S. (2012). Impacte do ensino superior no desenvolvimento psicossocial do estudante: Revisão de estudos. *Educação*, 35(3), 434-443.
- Grimen, H. L., & Diseth, Å. (2016). Sensory processing sensitivity: Factors of the highly sensitive person scale and their relationships to personality and subjective health complaints. *Comprehensive psychology*, 5, 1-10. doi:10.1177/2165222816660077
- Homberg, J. R., Schubert, D., Asan, E., & Aron, E. N. (2016). Sensory processing sensitivity and serotonin gene variance: Insights into mechanisms shaping environmental sensitivity. *Neuroscience and Biobehavioral Reviews*, 71, 472-483. doi:10.1016/j.neubiorev.2016.09.029
- Hsieh, I-L., & Chen, Y. Y. (2017). Determinants of aggressive behavior: Interactive effects of emotional regulation and inhibitory control. *PLoS ONE*, 12(4), 1-9. doi:10.1371/journal.pone.0175651
- Huesman, L. R. (2018). An integrative theoretical understanding of aggression: a brief exposition. *Current Opinion in Psychology*, 19, 119-124. doi:10.1016/j.copsyc.2017.04.015
- Jagiellowicz, J., Aron, A., & Aron, E. N. (2016). Relationship between the temperament trait of sensory processing sensitivity and emotional reactivity. *Social Behavior and Personality*, 44(2), 185-200. doi: 10.2224/sbp.2016.44.2.185
- Konrad, S., & Herzberg, P. Y. (2017). Psychometric properties and validation of a german high sensitive person scale (HSPS-G). *European Journal of Psychological assessment*, 1-15. doi:10.1027/1015-5759/a000411
- Kristensen, C. H., Lima, J. S., Ferlin, M., Flores, R. Z., & Hackmann, P. H. (2003). Fatores etiológicos da agressão física: Uma revisão teórica. *Estudos de Psicologia*, 8(1), 175-184. doi:10.1590/S1413-294X2003000100020
- Krug, E. G., Dahlberg, L. L., Mercy, J. A., Zwi, A. B., & Lozano, R. (2002). *World report on violence and health*. Geneva: World Health Organization.
- Lefever, S., Dal, M., & Matthíasdóttir, Á. (2007). Online data collection in academic research: advantages and limitations. *British Journal of Educational Technology*, 38(4), 574-582. doi:10.1111/j.1467-8535.2006.00638.x
- Lionetti, F., Aron, A., Aron, E. N., Burns, G. L., Jagiellowicz, J., & Pluess, M. (2018). Dandelions, tulips and orchids: Evidence for the existence of low-sensitive, medium-sensitive and high-sensitive individuals. *Translational Psychiatry*, 8(24), 1-11. doi:10.1038/s41398-017-0090-6

- Liss, M., Timmel, L., Baxley, K., & Killingsworth, P. (2005). Sensory processing sensitivity and its relation to parental bonding, anxiety and depression. *Personality and Individual Differences*, 39(8), 1429-1439. doi:10.1016/j.paid.2005.05.007
- Liu, J., Lewis, G., & Evans, L. (2013). Understanding aggressive behavior across the life span. *Psychiatric and Mental Health Nursing*, 20(2), 156-168. doi:10.1111/j.1365-2850.2012.01902.x
- Maroco, J. (2007). *Análise estatística - Com utilização do SPSS* (3ª Ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Martins, C. (2011). *Manual de Análise estatística de dados quantitativas com recurso ao IBM SPSS: Saber decidir, fazer, interpretar e redigir*. Braga: Psiquilíbrios.
- Meyer, B., Ajchenbrenner, M., & Bowles, P. (2005). Sensory sensitivity, attachment experiences, and rejection responses among adults with borderline and avoidant features. *Journal of Personality Disorders*, 19(6), 641-658. doi:10.1521/pedi.2005.19.6.641
- Miller, L. J., Anzalone, M. E., Lane, S. J., Cermak, S. A., & Osten, E. T. (2007). Concept evolution in sensory integration: A proposed nosology for diagnosis. *The American Journal of Occupational Therapy*, 61(2), 135-140. doi:10.5014/ajot.61.2.135
- Morsünbül, Ü. (2015). The effect of identity development, self-esteem, low self-control and gender on aggression in adolescence and emerging adulthood. *Eurasian Journal of Educational Research*, 61, 99-116. doi:10.14689/ejer.2015.61.6
- Myers, D. G., & Twenge, J. M. (2017). *Social Psychology* (12th Edition). New York: McGraw-Hill.
- Pereira, H., Monteiro, S., Afonso, R. M., Esgalhado, G. & Loureiro, M. J. (sd). *Adaptação Portuguesa da Escala de Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial, em preparação*. Departamento de Psicologia e Educação ad UBI, Covilhã.
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2014). *Análise de dados para ciências sociais - A complementaridade do SPSS* (6ª Ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Pluess, M. (2015). Individual differences in environmental sensitivity. *Child Development Perspectives*, 9(3), 138-143. doi:10.1111/cdep.12120
- Pluess, M., & Boniwell, I. (2015). Sensory-processing sensitivity predicts treatment response to a school-based depression prevention program: Evidence of vantage sensitivity. *Personality and individual differences*, 82, 40-45. doi:10.1016/j.paid.2015.03.011
- Ribeiro, J. L. P. (2010). *Investigação e avaliação em psicologia e saúde* (2ª Ed.). Lisboa: Placebo.
- Ribeiro, M. C. O., & Sani, A. I. (2008). As crenças de adolescentes sobre a violência interpessoal. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa*, 5, 176-186.
- Ribeiro, M. C. O., & Sani, A. I. (2009). Modelos explicativos da agressão: Revisão teórica. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa*, 6, 96-104.

- Rippon, T. J. (2000). Aggression and violence in health care professions. *Journal of Advanced Nursing*, 31(2), 452-460. doi:10.1046/j.1365-2648.2000.01284.x
- Santos, M. C. S., & Freitas, P. P. (2014). Perturbações do Espectro do Autismo. In P. Monteiro, *Psicologia e Psiquiatria da Infância e Adolescência* (pp. 137-157). Lisboa: LIDEL.
- Sawyer, S. M., Azzopardi, P. S., Wickremarathne, D., & Patton, G. C. (2018). The age of adolescence. *The Lancet Child & Adolescent Health*, 2(3), 223-228. doi:10.1016/S2352-4642(18)30022-1
- Smolewska, K. A., McCabe, S. B., & Woody, E. Z. (2006). A psychometric evaluation of the Highly Sensitive Person Scale: The components of sensory-processing sensitivity and their relation to the BIS/BAS and "Big Five". *Personality and Individual Differences*, 40(6), 1269-1279. doi:10.1016/j.paid.2005.09.022
- Straus, M. A. (2004). Prevalence of violence against dating partners by male and female university students worldwide. *Violence Against Women*, 10(7), 790-811. doi:10.1177/1077801204265552
- Weigold, A., Weigold, I. K., & Russell, E. J. (2013). Examination of the equivalence of self-report survey-based paper-and-pencil and internet data collection methods. *Psychological Methods*, 18(1), 53-70. doi:10.1037/a0031607
- Yano, K., & Oishi, K. (2018). The relationships among daily exercise, sensory-processing sensitivity, and depressive tendency in Japanese university students. *Personality and Individual Differences*, 127, 49-53. doi:10.1016/j.paid.2018.01.047

Anexos

Anexo 1 - Parecer da Comissão de Ética da Universidade da Beira Interior



Comissão de Ética
Universidade da Beira Interior

comissaodeetica@ubi.pt
Convento de Santo António
6201-001 Covilhã | Portugal

Parecer relativo ao processo n.º CE-UBI-Pj-2017-031

Na sua reunião de 11 de julho de 2017 a Comissão de Ética apreciou, retrospectivamente, a documentação científica submetida referente ao pedido de parecer do projeto "**Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial e Variáveis Psicossociais**", do proponente **Henrique Pereira**, a que atribuiu o código n.º CE-UBI-Pj-2017-031.

Na sua análise não identificou matéria que ofenda os princípios éticos e morais sendo de parecer que o estudo em causa pode ser aprovado.

Covilhã e UBI, 30 de outubro de 2017

O Presidente da Comissão de Ética

Professor Doutor José António Martinez Souto de Oliveira
Professor Catedrático

Anexo 2 - Consentimento informado

Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial e variáveis Psicossociais

O objetivo desta investigação é avaliar os níveis de Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial e outras variáveis psicossociais (saúde mental, mindfulness, funcionamento sexual, agressividade, expectativas face à longevidade e compromisso laboral).

Para tal, contamos com a sua colaboração através do preenchimento do inquérito aqui se apresenta, garantindo que as suas respostas são anónimas e confidenciais. A sua participação é muito importante.

Este inquérito está dirigido apenas a pessoas com 18 ou mais anos de idade.

Desde já muito obrigado pela sua colaboração!

Universidade da Beira Interior - Portugal
Departamento de Psicologia e Educação

Prof. Doutor Henrique Pereira
Prof. Doutor Manuel Loureiro
Prof.^a Doutora Graça Esgalhado
Prof.^a Doutora Marina Afonso
Prof. Doutor Samuel Monteiro

E-mail: 

Para iniciar o preenchimento, carregue no botão "Seguinte".

Ao iniciar, está ciente dos objetivos desta pesquisa e aceita disponibilizar as suas respostas unicamente para tratamento estatístico. Garantimos que os seus dados apenas serão utilizados para este fim. Desde já, muito obrigado!

Para iniciar o preenchimento, carregue no botão "Seguinte".

Anexo 3 - Questionário Sociodemográfico

Parte 1 - Dados Sócio-demográficos

Primeiro, gostaríamos de saber algumas informações sobre si...

1.

A sua idade?

2.

O seu género?

Marcar apenas uma oval.

☐

Homem

☐

Mulher

☐

Outra: _____

3.

O seu estado marital atual?

Indique o que melhor descreve o seu estado atual.

Marcar apenas uma oval.

☐

Casado/a

☐

Solteiro/a

☐

Divorciado/a ou Separado/a

☐

Viúvo/a

☐

Unido/a de facto

☐

Tenho um namoro/compromisso afetivo

☐

Outra: _____

4.

Qual é o seu local de residência?

Marcar apenas uma oval.

☐

Uma pequena cidade

☐

Uma grande cidade

☐

Um pequeno meio rural

☐

Um grande meio rural

5.

Qual é o seu nível de escolaridade?

Marcar apenas uma oval.

☐

Até 9 anos de escolaridade

☐

Até 12 anos de escolaridade

☐

Formação universitária (Licenciatura/Bacharelato)

☐

Formação universitária (Mestrado/Doutoramento)

☐

Outra: _____

6.

Qual é a sua situação profissional?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Desempregado/a
- ☐ Estudante
- ☐ Trabalhador/a-estudante
- ☐ Trabalhador/a por conta de outrem
- ☐ Trabalhador/a por conta própria
- ☐ Reformado/a
- ☐ Outra: _____

7.

Qual é o seu estatuto sócio-económico?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Baixo
- ☐ Baixo-médio
- ☐ Médio
- ☐ Médio-alto
- ☐ Alto

8.

Como se identifica relativamente à sua orientação sexual?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Heterossexual
- ☐ Bissexual
- ☐ Homossexual (gay ou lésbica)
- ☐ Assexual